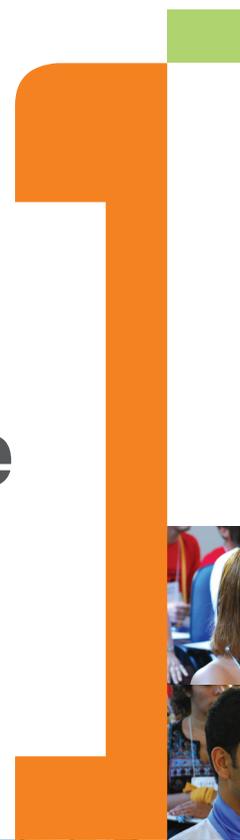


Nossa Gente

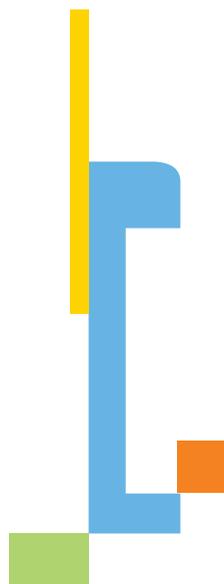
10 anos de Nepso



Por Patrícia Kalil



Esta publicação tem a cooperação da UNESCO no âmbito do Programa Nossa Escola Pesquisa Sua Opinião, o qual tem o objetivo de comemorar os 10 anos do programa, que dissemina o uso da pesquisa de opinião como ferramenta pedagógica. Os autores são responsáveis pela escolha e apresentação dos fatos contidos neste livro, bem como pelas opiniões nele expressas, que não são necessariamente as da UNESCO, nem comprometem a Organização. As indicações de nomes e a apresentação do material ao longo deste livro não implicam a manifestação de qualquer opinião por parte da UNESCO a respeito da condição jurídica de qualquer país, território, cidade, região ou de suas autoridades, tampouco a delimitação de suas fronteiras ou limites.



À memória de
Fabio Montenegro





Agradecimentos

Meus sinceros agradecimentos aos professores, coordenadores e alunos que me contaram detalhes de suas vidas e suas histórias com o Nepso. Além do próprio projeto como ponto de ligação entre todos eles, descobri características comuns: a força de buscar aquilo em que acreditam, a curiosidade por respostas, a criatividade para tocar o dia a dia, a esperança de uma educação diferente e o amor pelo que fazem. Agradeço aqui a Conceição Bezerra, Fabiana Luiza Ronzani, Douglas Geronni, Cristina Berbert, dona Ivone Lage, Rejane Araujo Oliveira, Ariane Eliete Silva, Gabriele Vieira Neves, Irene Huentemila, Clayder e Camila, Sofia Ize, Ileana Arisqueta, Thaís Bernardes e Fabiana Freitas.

Também, gostaria de agradecer à minha mãe, Miriam de Souza Oliveira, que leu e releu cada capítulo. Além dela, Marilvia Oliveira, que me ajudou com as entrevistas dos coordenadores que renderão um segundo volume do livro.

Por fim, mas não menos importante, agradeço demais à força de Marilse Araujo durante todo o processo e ao convite carinhoso de Ana Lucia Lima, que me confiou tão importante missão.







Introdução

Nossa Escola Pesquisa Sua Opinião – conhecido por suas iniciais Nepso – é um programa do Instituto Paulo Montenegro em parceria com Ação Educativa, também responsável por sua coordenação geral. Nosso objetivo é usar a pesquisa de opinião como estratégia pedagógica na formação de professores e alunos de escolas da rede pública.

A parceria entre estas duas instituições somada à expertise do IBOPE, financiador do programa, resultou na criação de uma metodologia que instiga um novo olhar sobre os conteúdos escolares, promove a integração de disciplinas, a iniciativa, autonomia e participação de crianças, adolescentes, jovens e adultos e, especialmente, inova o fazer pedagógico de educadores.

A pesquisa educativa de opinião realizada pelos alunos, e orientada pelos educadores, nas várias modalidades do ensino fundamental, médio e de educação de jovens e adultos tem abordado os mais variados temas: educação,

sexualidade, meio ambiente, políticas públicas, formas de estar e viver em sociedade e tantas outras questões que permeiam as vivências cotidianas nas escolas, contribuindo também para que elas (re)conheçam o contexto no qual se inserem.

Ao longo de seus dez anos, mais de 45 mil alunos e 3.600 professores utilizaram a metodologia do Nepso em, aproximadamente, 740 instituições de ensino no Brasil – em São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Paraná, Minas Gerais, Bahia, Pernambuco e no Distrito Federal, na Argentina, Chile, Colômbia e México e, ainda, em Portugal e Angola.

Desde sua criação, o Nepso conta com a parceria de renomadas instituições que atuam como polos multiplicadores, entre elas a Universidade de Caxias do Sul, as universidades federais do Paraná, Minas Gerais e Pernambuco, a Universidade de São Paulo, a Universidad de la Frontera (Chile) e a Universidad de Quilmes (Argentina).

O programa conta ainda com o apoio de secretarias municipais e estaduais de Educação e da UNESCO. A pluralidade de locais e parceiros reflete a versatilidade do programa e assegura sua diversidade, uma característica importante que fortalece seus princípios metodológicos desafiando, inspirando e orientando os professores a realizar projetos de ensino com a pesquisa educativa de opinião, promovendo a discussão de questões significativas nos diversos níveis de ensino e contextos sociais e culturais nos quais é experimentado.

Esta publicação, que chamamos, carinhosamente, de Nossa Gente, integra um leque de materiais didáticos já editados: o Manual do Professor, o Diário de Pesquisa, o Almanaque Nepso, a revista *Encontros Nepso: aprendizagens em rede* e o recém-publicado *Nepso: pesquisa de opinião como prática de aprendizagem*.

As pessoas cujas histórias compõem este livro certamente estiveram presentes nos inúmeros eventos promovidos por essa rede – os seminários locais e estaduais e o Congresso IBOPE UNESCO (em sua 9ª edição), espaços de socialização das pesquisas educativas desenvolvidas durante o ano letivo. Esses encontros promovem a formação dos participantes, o compartilhamento, o registro e a reflexão coletiva dos aprendizados adquiridos no trabalho realizado nas escolas.

Neste momento, vocês são convidados a um mergulho na memória histórica do Nepso, construída coletivamente, por vários atores e autores que, com suas contribuições, fazem nascer o novo!





Apresentação



Gente lavando roupa
 Amassando pão
 Gente arrancando a vida
 Com a mão
 No coração da mata gente quer
 Prosseguir
 Quer durar, quer crescer,
 Gente quer luz



("Gente" – Caetano Veloso)



Histórias de gente... e gente é pra brilhar!

Foi esse o jeito que o Programa Nossa Escola Pesquisa Sua Opinião escolheu para celebrar seus dez anos, resgatando pessoas e suas histórias, desenhadas poeticamente pela sensibilidade de Patrícia Kalil. Professores, alunos, coordenadores – personagens que estiveram, e ainda estão, presentes nesse grande sonho e que pudessem representar tantos outros que compõem essa pluralidade de rostos, objetivos, expectativas e realidades.

Caminhos que se cruzaram unidos pelo mesmo desejo de reconstrução da sala de aula, da escola, da comunidade, enfim, da vida da gente!

Este livro não traz somente histórias de vida, mas nos faz perceber que o Nepso se constituiu numa experiência que democratiza a pesquisa de opinião, transformando-a em instrumento a serviço de uma educação de qualidade. Uma proposta que favorece o diálogo, o ouvir o outro.

E foi assim que fizemos: ouvimos as pessoas, as gentes!

Gente que brinda conosco essa emoção!

Leila Andrade e Marilse Araujo

Assessoras da Ação Educativa

Coordenação do Nepso





Eles não ficam simplesmente seguindo o professor como um mestre do conhecimento. Há também o crescimento ou reconhecimento do professor a partir dessa troca do Nepso.

Fabiana Freitas

Nesses dez anos de programa, uma mão cuidava de cada detalhe por trás das cortinas para que o espetáculo continuasse a fluir naturalmente. Quem já ouviu falar da Fabi? Coordenadores, professores, parceiros, diretores, alunos, fornecedores e prestadores de serviços do Instituto Paulo Montenegro, participantes do congresso, quem já precisou falar com a Ana, adiantar um assunto ou simplesmente pedir uma ajuda? Ela está lá para tudo e para todos, encarando os pepinos do dia a dia do Instituto Paulo Montenegro (IPM) e atuando como assessora do Nepso no Brasil. Muito organizada, Fabiana Freitas começou a trabalhar para o IPM aos 22 anos, quando o instituto estava só começando. “Minha entrada aconteceu de maneira muito natural. Na época, eu era secretária da presidência do IBOPE. Eu atendia Carlos Augusto e

Luís Paulo quando eles estavam em São Paulo”, lembra. **No mesmo período, Fabio Montenegro, que era primo antropólogo deles, foi convidado para criar os projetos sem fins lucrativos do instituto.** Enquanto ele começava a desenhar os programas e a travar as alianças com a ONG Ação Educativa para dar vida àquele que viria a ser a organização responsável pela atuação do IBOPE na área social, o caminho de Fabiana cruzou com o de Fabio. “Ele ficava numa salinha no mesmo andar onde eu trabalhava. Ele tinha apenas uma funcionária, a Tamara Czeresnia, que trabalhava 30 horas por semana. Aos poucos, comecei a ajudá-lo com serviços administrativos.”

Nossos anjos

Fabio escolheu um foco para o novo instituto: educação. Depois, decidiu usar o DNA do IBOPE, pesquisa de opinião. “Um dia ele me trouxe o rascunho do primeiro manual Nepso para ler, daquele jeitão dele, falando que era a última revisão e que queria ouvir meus comentários. Eu fui me envolvendo. Vi o piloto. Quando chegou o momento de organizar o I Congresso, ele pediu para Carlos Augusto e Luís Paulo que me liberassem para trabalhar exclusivamente no Instituto Paulo Montenegro”, conta. E Fabiana não hesitou. “Foi uma oportunidade de trabalho nova, dentro do IBOPE. O Fabio tinha essa característica de querer que todos se desenvolvessem”, lembra.

Fabiana vem de uma família humilde. A mãe, dona América, 69, é de origem espanhola, e o pai, seu Nelson, 72, um brasileiríssimo do interior de São Paulo. Filha caçula, a única entre quatro irmãos homens, a menina nasceu temporã, tendo uma diferença de idade de 19 anos com o irmão mais velho, Nelson Filho, e 9 anos para o irmão do meio, Ednei. O pai tinha 39 anos quando América engravidou. Sim, chegava a primeira menina da família. Seu Nelson, policial reformado, sempre trabalhou com segurança: primeiro como policial militar e, depois de

mais velhos, arriscar-se sem pensar duas vezes e a se meter, sem querer, nas mais bobas situações. “Eu sempre fui muito certinha. Agora, sobre ser mimada... isso não durou muito. Foi só até chegar minha sobrinha, Luciana, quando eu tinha 4 anos. Eu escolhi o nome da Lu, que é filha do meu irmão mais velho, para combinar com Fabiana. Com o nascimento da nova bebê acabou meu reinado”, ri. Talvez por causa da chegada de Luciana “para a nova tia cuidar” ou mesmo por característica pessoal de Fabiana, ela cresceu com toda pinta de irmã mais velha. Estudou em escola estadual. Aos 17 anos, prestou vestibular em administração e comércio exterior na Unicsul. Começou o curso, sem se dar qualquer chance de descanso. “Eu era ainda adolescente, não sabia o que escolher,

realmente não tinha uma ideia clara. Optei por administração já pensando que era uma faculdade que me permitiria atuar em várias áreas”, explica a cautela da escolha. Da família, somente Fabiana e o irmão mais novo fizeram faculdade. “Ele fez direito e hoje trabalha na polícia. Ednei vai prestar concurso para delegado”, conta. Com toda prudência, aos 21 anos, logo depois de entrar no IBOPE, Fabiana já estava comprando seu primeiro apartamento. Escolheu o imóvel na Zona Leste, onde cresceu e viveu grande parte de sua vida. Ao encontrar algo do tamanho de seu bolso e, na época, na medida de suas necessidades, não pensou duas vezes em assumir o financiamento. A tranquilidade do futuro precisa ser garantida desde cedo, passo a passo. Continuou morando com os

aposentado, como segurança privado. Entre os irmãos, dois trabalham na polícia. Fabiana cresceu num ambiente de muito controle e superproteção, onde todos os olhos se voltavam para ela. “Com o trabalho na polícia, meu pai sempre foi fechado e tinha desconfiança de muita coisa. Não se podia deixar um carro na rua, uma criança brincando do lado de fora. Meu irmão mais velho carregava o mesmo tipo de atitude e rigidez. Era mesmo difícil ter amigos que fossem na minha casa, ainda mais por eu ser mulher”, divide. A vida era controlada e o pai mal parava em casa, pois precisava fazer bicos para sustentar a família. Seu Nelson, além de trabalhar para a polícia, fazia mudanças com um caminhão. “Ele chegava em casa e, de novo, precisava sair para ir trabalhar. Meu irmão mais velho também, como sempre, tinha que fazer bico... a vida de policial é muito criticada e poucos são os que se dão conta da dificuldade, da importância e de quanto é uma vida sofrida, mal paga e de muito risco. É um dia a dia muito duro”, reflete. Se Fabiana quebrou alguma regra na vida, foi a de que caçula tende a ser irresponsável, usar e abusar dos irmãos





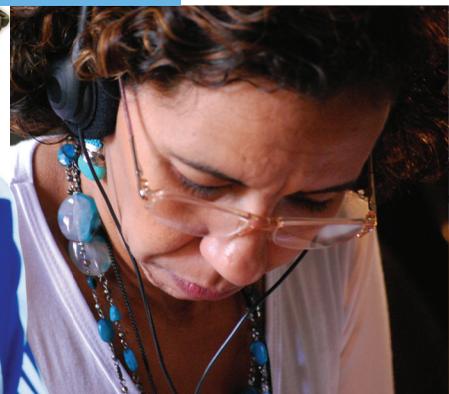
uma visão estratégica para o desdobramento dos projetos”, analisa Fabiana. Nessa nova fase, o Nepso tem galgado uma visibilidade muito grande. Entre a dança profissional e pessoal, a vida segue. Em abril de 2008, Fabiana casou-se com Reginaldo, seu namorado desde que tinha 24 anos. Em junho, depois da lua de mel, já estava grávida de Lucas. “O início de casamento foi planejar a chegada do Lucas. A gente está junto há nove anos”, conta Fabiana, hoje com 33.

Ao mesmo tempo, Fabiana foi promovida à assessora do projeto. “Parei de cuidar somente do lado burocrático do Nepso. Comecei a participar de eventos, ir a fóruns, participar de outra maneira dos congressos. A ideia é que agora eu comece a acompanhar de perto e colaborar um pouco mais com a equipe da coordenação nacional, tendo um maior contato com os polos durante os seminários”, empolga-se. O que mais encanta Fabiana é o estímulo que o Nepso dá aos professores para dialogarem com os alunos, escutando-os, permitindo que eles participem mais ativamente. “Eles não ficam simplesmente seguindo o professor como um mestre do conhecimento. Há também o crescimento ou

reconhecimento do professor a partir dessa troca do Nepso. Além disso, tem essa rede internacional que acabou se formando. Não há nada que pague essa troca entre as pessoas que fazem parte do Nepso”, analisa.

Fora cuidar do Nepso, Fabiana fala com orgulho do outro projeto do Instituto Paulo Montenegro, que nasceu também em 2001: o Indicador de Alfabetismo Funcional (Inaf). O envolvimento com os estudos sobre alfabetismo funcional do brasileiro ao longo desses anos também lhe deu uma visão especial sobre a crise da educação. “Ao trabalhar ativamente nessa área, tive consciência do que acontece hoje no sistema e de como projetos como esses que fazemos podem fazer diferença no balanço final”, reconhece ela. Fabiana conta do primo novo do Nepso, o programa PerguntAção, que nasceu em 2011. “É como se fosse o Nepso feito na comunidade. Com empresas ou instituições que queiram trabalhar com a comunidade no entorno da empresa, é formado um grupo para que eles possam levantar problemas. O foco não é nem tanto a pesquisa em si, mas a mobilização e a integração da instituição e da comunidade”, explica. Se os pepinos do dia a dia estão cada

pais enquanto pagava o apartamento. A vida no Instituto Paulo Montenegro seguia em ritmo acelerado. Em 2006, depois do período de gestação do instituto, Fabio Montenegro faleceu com 51 anos, vítima de um câncer raro. A nova diretora executiva, Ana Lucia Lima, encarregou-se de continuar a missão de Fabio, centrando-se na disseminação dos projetos e realização de parcerias internacionais. Ana Lucia, que era ex-diretora do IBOPE, trazia a expertise de mercado, visão de negócio e um estilo forte, voltado para resultados. Queria, acima de tudo, levar o Instituto Paulo Montenegro para o mundo. “Ela faz muitas coisas ao mesmo tempo e todas muito bem. No Instituto Paulo Montenegro, ela trouxe



vez mais fáceis de contornar com a experiência acumulada de Fabiana, ela revela como tem sido transformadora essa fase como assessora. Além de ter mergulhado mais no programa, três anos atrás se envolveu ativamente como pesquisadora: "Fizemos uma pesquisa na coordenação para entender um pouco mais o perfil dos professores", lembra. Todo o trabalho foi feito usando a própria metodologia do Nepso. "Eu participei da elaboração do questionário com toda a equipe do Instituto Paulo Montenegro e Ação Educativa, da análise dos resultados. A gente queria saber também o que os professores achavam dos materiais, da utilização do site como apoio etc. Depois estes resultados foram apresentados durante o congresso, pois precisávamos dar um retorno aos professores que participaram". Fabiana está feliz em acompanhar mais de perto as atividades dos polos, participando dos seminários locais e oficinas. "Quero colaborar da melhor forma para que o programa continue cumprindo seus objetivos e se fortaleça a cada ano", comemora. 🌈



Ana Lucia Lima
Diretora executiva do
Instituto Paulo Montenegro

Instituto Paulo Montenegro

Criado em 2000, o Instituto Paulo Montenegro tem como missão contribuir de maneira relevante com a promoção da qualidade na educação, por meio de projetos desenvolvidos a partir da experiência em pesquisa do Grupo IBOPE e orientados pelos objetivos e valores de suas empresas. Além de Fabiana, que assessora o Nepso, trabalham hoje no Instituto Fernanda Cury, como assessora responsável pelo Inaf, Marisa Villi e Fernanda Pinheiro, cuidando do novo PerguntAção. O instituto também conta com a força de Carolina Nascimento, ex-aluna do Nepso, que

é responsável por articular contatos e atividades entre os participantes dos programas e colaboradores do IBOPE. **Segundo Ana Lucia Lima, diretora executiva do Instituto Paulo Montenegro, o Nepso, assim como os outros programas do Instituto, é a comprovação de como a pesquisa de opinião pode ser utilizada como uma valiosa ferramenta de desenvolvimento da sociedade.**





Musical, ele segue o próprio ritmo e sabe respeitar os intervalos. Fez uma pausa no curso de licenciatura em música no centro de São Paulo, na faculdade privada FIAM-FAAM, para dar um salto importante – a gravação de seu primeiro álbum: “Não daria conta de trabalhar o dia inteiro, estudar à noite e ainda gravar o CD”, pondera. Douglas Geronni, como é conhecido, formalizou sua primeira banda de hard rock, a UnPrivate, há pouco mais de um ano. Esse é só um dos lados de Douglas. É fã de Miles Davis e gosta do filósofo alemão Friedrich Nietzsche. Adora os livros do inglês Terry Pratchett. Com a curiosidade por história, sensibilidade e talento artístico, Douglas conta como o Nepso foi importante em sua vida como estudante.

Nascido em 6 de setembro de 1988, ele sempre morou em São Mateus, na Zona Leste da capital paulista. A mãe,

Helena Maria, é enfermeira, o pai, Antonio Geronimo, é caminhoneiro e a irmã caçula, Daísy, trabalha com informática. Quando criança, Douglas achava que seria desenhista. Na adolescência, começou a trabalhar como designer e produtor de animações em uma cooperativa de comunicação digital. Esmerilhava um programa de código livre feito para criar animações em 3D, o Blender. Estudou o ensino fundamental em colégio privado: até a 3ª série no colégio católico Santa Izildinha e depois até a 8ª no Educandário dos Anjos, ambos na Zona Leste. O primeiro ano do ensino médio fez em uma escola estadual em Santo André, da qual a família tinha boas referências. Naquele

Comecei a ter a consciência da dimensão do Nepso quando fomos visitar outras escolas participantes e a um encontro na Ação Educativa.

Douglas Geronni

Nossa música

mesmo período começava a se envolver com música e a se apaixonar pela carreira. Devido à distância e ao tempo gasto para ir à nova escola em Santo André, convenceu a família de que queria estudar em uma escola mais perto de casa. A partir do segundo ano do ensino médio, pediu transferência para a escola estadual Professor Moacyr Campos, conhecida como MOCAM.

Começava o ano letivo e a professora de matemática Maísa Lima apresentou o Nepso para a turma. “Parecia mais uma atividade. Deveríamos escolher um tema e fazer uma pesquisa de opinião com nossos parentes, amigos ou desconhecidos.” O grupo de Douglas escolheu investigar a religião dentro da escola, assunto em debate na época devido à discussão sobre a importância ou não do ensino religioso. Para a investigação no MOCAM foram feitas mil entrevistas.



Ali você percebia que podia tomar iniciativa, fazer escolhas, estabelecer metas." Durante o congresso, os alunos apresentaram seus projetos, participaram de oficinas, fizeram uma pesquisa em quatro dias e trocaram experiências. "Essas coisas marcam a gente. A sensação é muito boa, de conhecimento e de reconhecimento."

Douglas e Danilo voltaram para o último ano no ensino médio com muita vontade de repetir a dose. Os dois convidaram mais cinco amigos para fazer um novo projeto. "Começamos sozinhos, sem nenhum professor."

Naquele ano seriam votadas a Área de Livre Comércio das Américas (ALCA) e as privatizações na Amazônia. O tema estava na mídia, os jornais só falavam nisso, teria votação e tinha uma forte

campanha para votar não para a ALCA. "O que é isso? O que é ALCA? Vamos pegar um tema que ninguém escolhe, vamos ser relevantes", e decidiram o tema.

Durante a preparação do questionário, deram-se conta da própria ignorância sobre o assunto. No pré-teste, viram que outros alunos na escola também estavam mal informados e, para piorar, até os professores. "Nós de São Paulo não sabemos absolutamente nada sobre a Amazônia. A pesquisa deixou isso bem claro, nossa falta de conhecimento de história, geografia e política. Para todos, a Amazônia é uma porção de floresta que fica muito, muito longe daqui e não nos afeta", aponta. Ciente do entusiasmo dos alunos, uma professora ficou sabendo de uma

"Comecei a ter a consciência da dimensão do Nepso quando fomos visitar outras escolas participantes e a um encontro na Ação Educativa." Lá ele conheceu Renato, Marilse e Thaís. Ele e seu grupo já tinham resultados da pesquisa para mostrar. Com cartazes e gráficos, revelaram a distribuição de grupos na escola e o preconceito religioso dos alunos. "Os católicos e evangélicos eram a favor da educação religiosa, já os budistas e seguidores de outras religiões achavam que isso era uma questão pessoal." A turma foi convidada para apresentar a pesquisa no congresso.

Douglas foi com seu amigo Danilo Lavelli para representar a pesquisa. "Ficamos hospedados no Hotel Transamérica, em Perdizes. Conheci gente do Brasil todo que fazia o que a gente fazia. Foram quatro dias muito intensos, com atividades dentro da PUC-SP." Eles não estavam somente conhecendo outra cara de São Paulo, como também uma universidade e todos os participantes da rede Nepso na América Latina. "Senti o prazer de dominar um assunto, de estar no patamar para discutir e não ser apenas o espectador.





palestra sobre a ALCA que aconteceria no SESC Pinheiros e perguntou se eles gostariam de ir. “Fomos eu e a Alessandra e naquele dia faltamos na aula.” O primeiro contraste foi do lugar, que para a dupla de estudantes parecia outra realidade. “Tudo era muito chique, com pessoas muito educadas e bem-vestidas. Eles começaram a apresentar a Amazônia a partir do território, depois contando a história, explicando os valores locais, a política interna, a pecuária, o cultivo...”

O que mais impressionava os estudantes, no entanto, era o fato de encontrarem tanta gente que conhecia o assunto com profundidade. “Eles falavam em alternativas e oportunidades, do potencial da região e que a ALCA era apenas uma oportunidade do governo”. Em certo momento da palestra, alguém quis dar um exemplo e perguntou quem já havia ido para o

exterior. “Todo mundo levantou a mão, menos eu e Alessandra. Depois, o cara perguntou quem conhecia o Havaí. Mais da metade levantou a mão. Só eu e a Ale que não fazíamos parte daquela seleção.” Incomodados, fizeram questão de levar isso para os resultados da pesquisa, mostrando como a discussão do destino da Amazônia era elitizada e que talvez eles tivessem parte nisso.

“Os jornais trazem a visão desses grupos, que não é a visão popular.

Sabe por quê? Porque não tem a visão popular! Nós entrevistamos pessoas lá dentro e as opiniões eram todas bem informadas. Eles conheciam o tema a fundo, eram politizados, coisa que a maioria das pessoas que a gente entrevistou na Paulista ou na Zona Leste não tinham nem ideia.”

Douglas ficou revoltado com o “desequilíbrio de interesse” pela informação. “O problema que eu constatei não é que a gente não tem acesso às informações, é que a gente não tem interesse. O fato de as pessoas não terem o conhecimento não era só falta de acesso, mas de esforço. Fiquei indignado comigo mesmo!” Por já ter pensado muito sobre o tema, Douglas levantou algumas hipóteses. “Acho que as pessoas em geral são imediatistas, em toda sociedade. Se não podem ter o resultado imediato após um esforço,

quero dizer, um resultado que seja compensatório, não há interesse. A pessoa até reconhece a importância de alguns assuntos, mas acha que a responsabilidade pode ser do outro, já que não está disposto a abrir mão de sua rotina para fazer sua parte. A ignorância é comparsa da preguiça!” Também, por causa da pesquisa, tiveram um contato maior com o lado pedagógico. “Nós fomos os primeiros a entrar na sala dos professores, lugar que ninguém entra. Os professores queriam saber do nosso trabalho, se envolver com ele. Basicamente, a pesquisa nos inseriu na escola de uma outra maneira. Principalmente, entre os professores.” Na época, eles conseguiram desmitificar o professor, participar de conversas, debates. “Acabamos nos tornando aliados de uns e adversários dos professores que eram a favor da ALCA”, ri.

Chegava a hora de tabular para entender os dados. Como o grupo foi ousado e fez um questionário com 30 perguntas, sendo algumas abertas, e ainda aplicou mil entrevistas, o trabalho não foi fácil. O professor de matemática Hiromi Uehara ajudou o grupo. “A gente sentava e fazia contas, calculava margem de erro, pensava padrões para agrupar as respostas abertas. Você imagina mil respostas. Um exagero!”



assume. Mesmo assim, o grupo seguia empolgado para descobrir logo e apresentar os resultados.

“O ponto é: ninguém faz pesquisa por obrigação. Você faz levado pela curiosidade de descobrir algo novo.”

O grupo mais uma vez teve a pesquisa selecionada para ir ao congresso. Era o último ano de Douglas na escola. Ele apresentou a pesquisa ao mesmo tempo em que já se despedia. A professora Regina Oshiro, percebendo o interesse do ex-aluno, convidou-o a participar do Nepso como seu assistente na escola. “Eu passei o próximo ano tirando dúvidas das turmas que estavam começando no Nepso”, orgulha-se. Foi um ano que lhe deu um contato com a educação de outra maneira. No ano seguinte, com o início da faculdade de música, o ritmo agitado da vida, o trabalho em período integral, os ensaios, a dedicação para formar a primeira banda, a vontade de gravar, era necessário fazer opções. Hoje, além de trabalhar para arcar com as horas de estúdio, dedica todo seu tempo livre totalmente para compor e gravar as músicas de seu primeiro álbum. As professoras do Nepso aplaudem a força e talento do ex-aluno. 🎨



Thais Bernardes
Coordenadora do polo São Paulo

Polo São Paulo

Em parceria com a ONG Ação Educativa desde a elaboração do primeiro manual, o polo São Paulo teve início em 2000 e nesses 11 anos já realizou quase 600 pesquisas de opinião com a participação de cerca de 13.500 estudantes pesquisadores em mais de 50 escolas. O Nepso faz parte do programa Ação na Escola, que desenvolve e apoia projetos de integração da escola com a comunidade, favorecendo a contextualização e relevância social e cultural das aprendizagens. Está presente na Zona Leste da capital e ainda nas cidades de Mauá, Suzano, Poá e Campinas. Em 2011, o polo comemorou a importante parceria com a Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, com um curso de extensão voltado para os professores da rede. “Além de formar profissionais que desenvolvam pesquisa de opinião com seus estudan-

tes e trazer à tona mais informações sobre a realidade das escolas e suas comunidades, o curso foi uma maneira de reconhecer os professores da rede que já participam do programa”, conta Thais Bernardes, coordenadora no projeto. **Para Thais, o Nepso tem força para romper a espiral de silêncio nas escolas. “Com o projeto, você redescobre a escola como janela para aprender soluções novas. A partir dos resultados de pesquisa, alunos e professores começam a traçar planos de ação, propondo sozinhos soluções com a comunidade. A pesquisa proporciona, além do diálogo, perspectiva para ver que as realidades não são estanques, que tudo é parte integrante da vida”, revela seu entusiasmo.**





O sobrenome Namuncurá, em mapudungun, significa “pé de pedra”. Em outras palavras, uma pessoa firme, decidida. Assim é Irene Huentemila Namuncurá, que gosta de estudar, antes de mais nada. Nasceu em uma família de seis irmãos. Tem ainda hoje a mãe, mas seu pai morreu quando ela era ainda pequena, 9 anos. Seu avô a criou e a ensinou a ler e gostar dos estudos, onde investe a maior parte de sua energia. Quando quer equilibrar sua dedicação aos estudos, ela vai caminhar e procura o contato com a natureza. Ou, então, procura o convívio com sua família mais próxima. Irene tem 44 anos e uma filha, Rayen, cujo nome significa flor, em mapudungun. O que Rayen vai ser quando crescer? Irene ainda não sabe, mas conta que ela própria já conhecia sua vocação desde muito cedo. As amiguinhas da escola básica e, depois, da escola média, viviam lhe dizendo para ser professora, porque ela ensinava

muito bem. “Não posso imaginar fazer qualquer outra coisa que não seja ser uma professora e trabalhar com educação.”

A comunidade mapuche de Niguen é onde Irene nasceu, e o seu significado é “terra de tremores”. A terra é um elemento forte na cultura mapuche. A música mapuche “Caballo Allazán” (em mapudungun se diz “kelv kawel”), de que Irene gosta de forma especial, faz referência à vida e descreve as relações das pessoas com a terra, como na colheita, com os animais e as plantas, as crenças, as histórias, os instrumentos musicais e outros aspectos.

O povo mapuche é sofrido, como tan-

A primeira pesquisa que fizemos foi sobre distribuição de renda familiar, ou seja, quanto as famílias gastavam em educação, vestuário, alimentação e despesas pessoais.

Irene Huentemila Namuncurá

Nossa origem

tos dos indígenas em todo o planeta. Destruição de sua cultura, tomada de suas terras e tantos outros problemas fazem que seja um povo que busca resgatar sua história, sua língua, suas terras, continuando vinculados a suas comunidades de origem mesmo que localizados no meio urbano. Sua tradição, contudo, é muito bela e encanta a alma.

O amor, por exemplo, entre os mapuches, não é um sentimento cego, uma paixão sem lucidez mas, antes, uma forma de iluminação solar, um amanhecer do espírito, a recuperação da aurora interna, como dizem. Por isso é associado à madrugada, ao alvorecer. Irene gosta de música latina romântica e da música mapuche. Costuma escutar os irmãos Nahuelpan, do grupo Azul Nahuel, que tornaram as músicas mapuche conhecidas em vários lugares do mundo, e Elisa Avendaño, mulher nascida e criada no coração da terra mapuche, que usa toda a sua energia para perpetuar a história, as tradições, os conhecimentos da gente mapuche. Hoje, Irene é uma firme e decidida professora de ciências naturais na cidade chilena de Nueva Imperial, no Centro de Educação Intercultural de Jovens e Adultos Lefxaru, onde há 105 alunos. “Na escola tenho a responsabilidade como professora e diretora pedagógica.”

Foi uma das primeiras professoras a participar do polo Nepso do Chile. “Conheci o Nepso a convite do professor Guillermo Williamson, que já conhecia anteriormente em função de sua posição como secretário-geral de Educação da região de Araucania.” A escola está localizada a 40 km de Temuco, onde está sediado o polo Chile.

Em 2006 foram feitas as primeiras reuniões com a universidade e o coordenador do Nepso, Prof. Guillermo Williamson. “Fiquei impressionada, quando conheci o Nepso, com aspectos como a interdisciplinaridade, a metodologia, a participação, a conversa entre adultos e os resultados das pesquisas. Hoje, tenho orgulho da quantidade de projetos que desenvolvemos.”

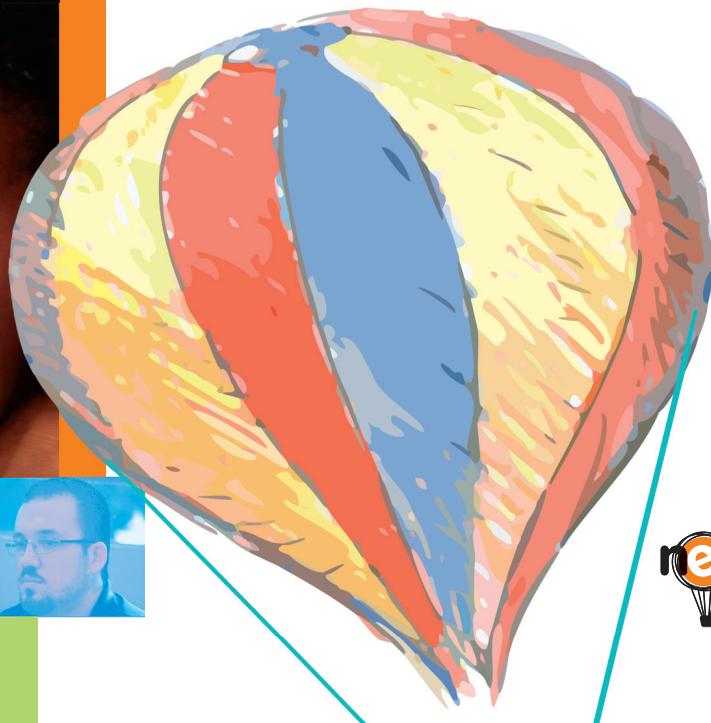
Quando o Nepso iniciou, eram cerca de

seis professores de diferentes escolas e apenas Irene representava a escola dela. Logo na sequência, porém, a professora de estudos sociais se integrou e, com ela, desenvolveram o primeiro projeto. Na escola, não conheciam o Nepso nem desenvolviam pesquisas nos cursos.

“A primeira pesquisa que fizemos foi sobre distribuição de renda familiar, ou seja, quanto as famílias gastavam em educação, vestuário, alimentação e despesas pessoais. Uma das conclusões foi que os ganhos das famílias não cobriam as necessidades de educação como, por exemplo, gastos em bilhetes de ônibus, livros, internet.” A amostra foi de 120 pessoas localizados tanto no setor urbano como em uma comunidade mapuche.

O programa era inovador e trouxe uma real contribuição metodológica. “Seus maiores benefícios eram que a escola participasse de sua comunidade próxima e, ao mesmo tempo, se vinculasse à Universidade”. Depois de participar da oficina inicial, Irene sistematizou o processo em quatro passos para organizar as atividades: informar aos professores que voluntariamente quisessem participar, escolher um curso e setores de aprendizagem, desenvolver o projeto e apresentar os relatórios finais na escola e nos encontros coordenados pela Universidade. “Estamos com o projeto há seis anos. Desenvolvemos, até 2010, nove projetos completos mais três que estão em andamento em 2011.”

O programa Nepso foi construído em uma base vigorosamente multidisciplinar. “Já trazíamos um avanço em termos de multiculturalismo, onde todos os setores de aprendizagem aportavam e aportam contribuições até se atingir os objetivos na educação mapuche.” Os cursos têm alunos





mapuches e não mapuches, mas todos têm a disciplina chamada língua e cultura mapuche, que não participa do Nepso mas que contribui traduzindo os resultados em língua mapuche. A professora desta disciplina contribui com a visão mapuche do problema selecionado para pesquisa. “Os temas que sempre interessam a todos são os ligados a sexualidade, alcoolismo, toxicod dependência, a mulher. Estes são os problemas locais que mais tocam as pessoas. Este ano vieram também os temas da violência contra a mulher e dos maus-tratos contra crianças.”

Cada projeto é construído em espanhol e em mapuche. Irene considera que seu desafio é avançar na realização bilíngue dos projetos para tê-los como um produto do trabalho escolar. A pesquisa “Distribución de Ingresos Familiares, Aplicada a la Ciudad de Nueva Imperial y Sector Caucauche” vem também designada em mapuche: “Chumgechi pu reñmawen mülelu Imperial warria ka Caucahe lof mapu mew küzawki”. E assim é com todos os projetos. Os trabalhos no polo Chile, ligados à Irene, tem tido apoio dos diretivos, sobretudo quando há mobilização da parte da escola em direção à comunidade. No entanto, também há trabalhos com ênfase curricular. “Recentemente, o Ministério da Educação nos solicitou uma pauta que contemplasse a grade curricular, onde tenho que ministrar conteúdos como célula,



nutrição, átomo, e o professor de ciências sociais tem que cobrir outros temas. A professora de espanhol colaborou com leituras do tema e com a formulação de perguntas. No momento em que entregamos os questionários para o professor de matemática, nos liberamos um pouco. O intercâmbio foi ótimo e houve trabalho colaborativo.” Irene é firme e decidida mas reconhece que ao desenvolver um projeto lida-se com uma dificuldade básica que é levar os projetos adiante na escola pois “eles requerem constância”. “Deve-se superar a etapa de estudar o tema, buscar referências, contatar profissionais ou experts, para se encontrar uma pergunta interessante. Não é um projeto que se realize em pouco tempo. São pequenas teses com temas-surpresa.

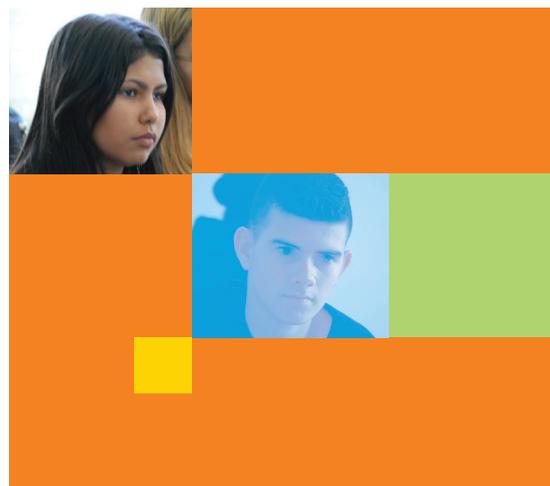
Por exemplo, eu agora estou coordenando um sobre os maus-tratos contra a mulher.”

Há mudanças importantes na escola em função da adoção do programa. Os alunos se envolvem no diagnóstico e análise dos problemas locais, como o vício em drogas, o meio ambiente, a saúde pública, a situação social do doente e a situação de pobreza de alguns grupos e, por força de sua ação, acabam ocorrendo experiências de in-

tegração da escola com a comunidade.

“Por exemplo, estabeleceu-se um contato permanente com o escritório de prevenção do consumo de drogas e com as instituições de saúde pública em Nueva Imperial. Isso ocorreu porque a coordenadora dos projetos teve que sair em busca de experts sobre os temas, e com eles conversou, conseguiu seus e-mails, tornando fluido o contato. No ano de 2009 trabalhamos o projeto de vício em drogas e agora em 2011 muito rapidamente conseguimos o programa Prevenir em Família, que consiste em fortalecer a família no âmbito afetivo e da comunicação, para ajudar na prevenção do consumo de drogas. Na área de saúde pública, agora nos conhecem mais e isso facilita que tenhamos certificados e encaminhamento de estudantes, por exemplo.”

Além de contatos mais frequentes e livres com profissionais, na comunidade, também se fortaleceu o vínculo com a Universidad de la Frontera, em Temuco, coordenada pelo Prof. Guillermo Williamson. Irene vê Guillermo com carinho, definindo-o como uma pessoa motivadora e crítica. Para ela, o essencial na coordenação é ter uma mente aberta





Guillermo Williamson
Coordenador do polo Chile



pois “o Nepso é participativo, colaborativo e ativo no que se relaciona aos estudantes, e difere muito de um modelo tradicional onde o estudante participa menos e o professor se esforça mais. Quando iniciamos, eu não esperava que o projeto Nepso facilitasse a vinculação da escola com instituições e com profissionais da comunidade onde está inserida a escola. Tampouco esperava a possibilidade de um trabalho interdisciplinar”.

Entre os professores de todo o Chile, há trocas semanais em reuniões em Temuco. “Quanto às trocas nos congressos, têm tido êxito e são motivadoras. Os congressos têm sido uma experiência multicultural e nos permitiram a possibilidade de viajar ao Brasil.”

Muito técnica em sua forma de falar e refletir sobre o Nepso em sua escola, Irene nem na despedida da entrevista se esquece de que uma de suas lutas é a divulgação de seu idioma e diz: Pewkvekayael! Adeus!



Polo Chile

Parceiro do projeto desde 2006, o coordenador e professor Guillermo Williamson, da Universidad de La Frontera, é um entusiasta do programa. Considera que o caráter do programa tem profunda ligação com o objetivo local de fazer uma proposta de Educação Intercultural devido à importante presença da comunidade mapuche. Nesses seis anos de rede, graças à parceria com a universidade e também com o IBOPE Media Chile, o polo dá uma lição de intercâmbio de experiências. “Todos resolvemos problemas em conjunto, compartilhando o que estavam fazendo e tomando decisões coletivas. É uma experiência muito bonita, formando estudantes, professores, jovens e crianças, em um contínuo processo de desenvolvimento e inovação”, conta. Ao longo desses

seis anos foram realizados 46 projetos, envolvendo cerca de 1.400 alunos. Outro diferencial do polo é o programa de talentos acadêmicos Proenta Ufro, que visa a estimular o desenvolvimento integral dos alunos do 6º ano básico ao 4º ano médio.

“O Nepso é uma experiência de inovação educacional. O projeto resgata os sentidos essenciais para que os professores construam uma comunidade de aprendizagem, onde estudantes, professores, acadêmicos se reúnem para planejar ações, estudar, trocar experiências e descobertas”.



Aquele dia, ela se arrumou toda. Perfumada, vinha com o cabelo todo enroladinho pelos bóbis colocados pela filha na noite anterior. Estava com uma calça preta, uma blusa de gola rulê vermelhinha, bem aconchegante, e um pulôver de lã bege. “Tá frio!”, explicou-se. “Aqui em Belo Horizonte, apesar de ser um clima ameno, anda fazendo um frio!! Ah, esqueci de falar um detalhe, estou também com um brinco que é uma espécie de flor, dourado”, descrevia-se. E assim estava dona Ivone, pronta para a nossa entrevista. Naquela manhã, havia ido à missa na paróquia do Divino Espírito Santo, como faz todos os domingos. “Ah, e pode me chamar de você, isso facilita muito a comunicação e deixa a gente mais à vontade”, e abriu a porta para seu mundo. Nascida em 25 de setembro de 1925, dona Ivone é uma ex-aluna do curso de educação de jovens e adultos da Universidade Federal de Minas Gerais.

Voltou a estudar faz oito anos, com 78 anos de idade. Na época, havia se mudado para Belo Horizonte para morar com sua terceira filha, dos seis que teve, a Luiza Cristina. Era um momento de grande transformação. Para contar a causa do reboliço de mudar de cidade naquela idade, é preciso voltar no tempo. Dona Ivone é de Santa Bárbara, a mesma cidade onde nasceu o presidente Afonso Pena, bem pertinho de Itabira, cidade do poeta Carlos Drummond de Andrade. Ela é quem conta a grandeza da cidade pequena. “Os meus filhos têm um parentesco muito, muito, muito longe

Para não deixar o cérebro envelhecer, fui finalmente, terminar o primeiro e segundo graus.

Dona Ivone Lage

Nossa estação

com a família de Drummond, mas têm”, vai segredando.

Nos anos 1930, em Santa Bárbara, a única escola – e que por honrarias da história carregava o nome do ilustre presidente – oferecia somente o primário. “Era uma escola muito boa. Não se usava esse modo de muitos professores na sala de aula como hoje. Lembro da minha professora, a dona Cecília Duarte. Ela fazia questão de ensinar.” Ao terminar o primário, a única saída para continuar os estudos seria mudar de cidade. Entretanto, para a família de Ivone, que tinha outros cinco irmãos, a mudança era parente desconhecida e distante. A mãe, dona Cecília Celina, era dona de casa. “Muito caprichosa, muito bonita até.” O pai, seu Pedro Dionísio, era pedreiro e fazia todo tipo de trabalho na cidade. De tijolo em tijolo, seu Pedro construiu a própria casa da família. “A casa existe ainda hoje. Tem cinco cômodos. E tem um quintal. Naquele tempo, tinha porco, porca, galinha, ovos...”

Nossa menina teve uma infância simples e modesta, mas divertida! Todos os irmãos estudaram na mesma escola e fizeram até o 4º ano primário. Quando juvenzinha, Ivone foi trabalhar como telefonista na prefeitura, depois passou para a função de técnica administra-

tiva, assumiu o cargo de coletora de impostos e eventualmente substituiu o chefe de Serviço de Fazenda. “Mesmo que a gente não tivesse muita cultura, com um bocado de boa vontade, dava até para a gente secretariar a reunião da Câmara dos Vereadores de Santa Bárbara”, ri.

Um dia pegou uma folga no trabalho e foi até São Gonçalo do Rio Abaixo, ali do lado, pra assistir uma missa do “padre santo”. O padre tinha muita amizade com a família que viria a ser a de seu marido. A jovem Ivone já havia avistado o forte Duca, que, encantado, pediu à mãe da moça permissão para vê-la. “Se eu tiver oportunidade, vou lhe mostrar um retrato dele, só para você ver como tive bom gosto”, brinca. Naquele tempo, o namoro se dançava em passo lento. Duca, ou, para os menos íntimos,

José, passaria uns tempos afastado devido a um trabalho temporário no estado do Espírito Santo. “A gente se falava por carta.” Foi que foi que, quando ele voltou, o compromisso começou a ficar cada vez mais sério. Depois de quatro anos, os dois se casaram. Ivone e Duca tiveram seis filhos. Duca abriu uma oficina mecânica na cidade. Ivone dedicou-se a cuidar da criança e da casa toda, além de trabalhar fora. Criou e educou os filhos. Todos cresceram. Eles, os pais, envelheceram, ganharam o título de seu e dona, vó e vó. Um a um, cada filho saiu de casa até que ficaram só dona Ivone e seu Duca num casarão com dez cômodos. Em 1993, seu Duca morreu. Ficou dona Ivone na casa vazia e cheia de histórias, “sozinha no meio da multidão”. Para se

alegrar um pouco, ela começou a fazer um vaivém para visitar a filha em Belo Horizonte. Cinco anos depois aceitou o convite de Luiza e mudou-se para a capital mineira.

Com 78 anos, dona Ivone começava vida nova no bairro Liberdade, em frente à UFMG, em Belo Horizonte. “Luiza sempre soube que eu gostava de estudar. Ela falou que tinha um curso supletivo na universidade para adultos. Eu me animei Para não deixar o cérebro envelhecer, fui finalmente, terminar o primeiro e segundo graus”, conta. Se seu Duca quando vivo não pensava em voltar a estudar, dona Ivone sempre guardou esse sonho no coração. “É que ele trabalhava com serviço mais pesado, viveu mais na roça, em fazenda. Ele se acomodou”, compara ela. Dona Ivone já tinha facilidade com a língua escrita. “Lia muito, fazia palavras cruzadas, mesa-redonda, lia





piadinhas. Sempre reuni minha família assim”, recorda-se. Porém, na mesma medida que gostava das letras, não era muito chegada às contas. “Sempre achei muito difícil o português da matemática”, tenta se explicar. Em 2003, a escola para adultos da UFMG adotou o Nepso e chamou a turma toda para participar: “Nossa primeira pesquisa foi sobre educação para adultos e o título era ‘Nunca é Tarde para Estudar’. Se dependesse de mim, não ia ficar ninguém analfabeto.

A educação e a saúde são importantes. As pessoas precisam saber ler e escrever”, defende. Como aposentada, dona Ivone tinha mais tempo pra se dedicar às pesquisas de campo. “Adoro bater perna e bater papo”, confessa. E lá vem ela com os casos das entrevistas.

“Quando eu apresentava a pesquisa para uma pessoa que por acaso não tinha estudo ainda, convidando-a para dar uma entrevista, às vezes a pessoa ficava encabulada. Achava que eu tinha certa cultura. Logo eu contava tudo: eu também estou começando agora! E as pessoas ficavam sabendo e se motivavam a estudar”, conta toda satisfeita. “É

que na minha idade eu não tenho mais vergonha!”, ri.

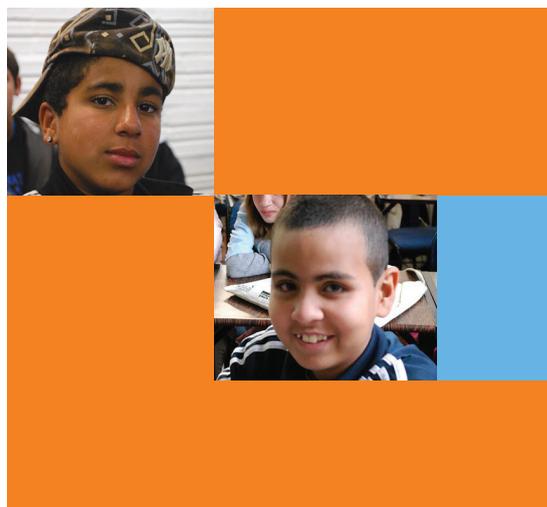
Muita gente não sabia da existência do curso para educação de adultos na UFMG. “As pessoas pensavam que na universidade só dava o curso superior. Convidávamos para ir conhecer o Centro Pedagógico, o CP. A gente faz a pesquisa, mas também incentiva.” Dona Ivone ia até as casas, os comércios, os locais onde as pessoas trabalhavam. “Fizemos muitas pesquisas com balconistas, com pessoas em casa.” Depois de fazer todo o trabalho de campo, chegava a hora de tabular os dados. Nessa parte, os professores ajudaram a turma a entender como calcular e interpretar os resultados. “Foi bom, foi ótimo, me ajudou também na matemática! A gente levava os resultados e os professores trabalhavam junto conosco.”

Depois da primeira pesquisa de sucesso, os alunos resolveram fazer outro projeto sobre a falta de merenda escolar no período noturno para alunos adultos. “Os trabalhadores chegavam no CP para estudar mas não tinham merenda. Imagina, ir direto do serviço para a escola para não perder aula e ficar lá com fome até tarde só porque

é adulto. Eu e Lourdes Lopes, amiga e colega de sala, levávamos merenda para dividir com os colegas, mas aquilo não era suficiente. Aquela gente deixa o serviço e não tem tempo nem para tomar um banho, mas ir pra escola com fome não dá”, indigna-se.

A pesquisa mobilizou todos os alunos do projeto e sensibilizou professores e a universidade. “São pessoas muito pobres. Alguns pagam até dois ônibus para chegarem lá. Já é muito difícil ir para a escola, ficar com fome então! A gente passava a sacolinha, arrumava um dinheirinho, mas o que ajudaria mais era uma merenda”, explica. Dona Ivone foi convidada para representar o grupo no Congresso IBO-PE UNESCO naquele ano. Viajou para São Paulo com história para contar. Dona Ivone foi a estrela do congresso: encantadora, engraçada e engajada na campanha merenda já!

De volta para as terras mineiras, militou pela comida. Conta ela que, já com seu curso completo, foi convidada por Jurema, responsável pela cozinha e





Maria da Conceição Ferreira Reis Fonseca
Coordenadora do polo Minas Gerais

Polo Minas Gerais

muito querida no CP, para dar a boa notícia: “A senhora pediu e agora tem merenda! Eu fiquei muito feliz”. Ela se orgulha toda dessa história. Além de amiga de todos, entendeu sua força política. Dona Ivone foi mais que uma aluna engajada. Ao terminar o curso, fez o ENEM. “Eu não fui mal, não, sabia?” Continua com programas culturais e diz que lê bastante. No momento está encantada com o livro *Santos de Calça Jeans*, um livro de Adriano Gonçalves, da Canção Nova, que recomendou para os netos. “O jovem pode ser jovem e santo ao mesmo tempo! Não é porque ele é jovem e frequenta o barzinho, namora, dá uns beijos, que ele deixa de ser santo”.

Nossa menina está sempre arrumando algo para aprender. “Agora tenho 86 anos, comprei meu notebook e estou fazendo um curso de informática.” “Que bom, dona Ivone! Qual seu e-mail?”, ousei. “Ah, mas aí é melhor você pegar o e-mail da Luiza, minha filha, porque ela fica demais no computador.” 🌈

O quinto polo do Nepso chegou em Minas, em 2002, para comprovar que pesquisa não tem idade. A professora doutora Maria da Conceição Ferreira Reis Fonseca, que também é responsável pelo departamento de matemática da Universidade Federal de Minas Gerais, já desenvolvia um trabalho com a Ação Educativa ligado ao estudo da capacidade do brasileiro no uso da matemática, numeramento, e ao Indicador de Alfabetismo Funcional (Inaf), o indicador bianual feito pelo Instituto Paulo Montenegro/IBOPE em parceria com a Ação Educativa. “Um dia, recebi um telefonema da Marilse, que apresentou o projeto e disse que estavam muito interessados em um polo que trabalhasse na educação de adultos”, lembra. Na sequência, foi formalizada a parceria com a UFMG para uso de pesquisa de opinião no curso de adultos do Centro Pedagógico da universidade e Maria da Conceição é a coordenadora do polo. Nesses nove anos de aliança, já foram realizadas 223 pesquisas de opinião envolvendo cerca de 6.400 alunos adultos. Isso além de dois projetos de pesquisa acadêmicos feitos pelos professores da universidade para analisar o impacto do Nepso

no ensino. Só na Escola de Aplicação, mais de 500 professores passaram pela metodologia. Este ano, a UFMG levou o Nepso para o Projeto Entrelaçando, da Secretaria Municipal de Educação, como metodologia para trabalhar com adolescentes com déficit escolar. Segundo Conceição, é um trabalho diferenciado para que os alunos avancem rapidamente e possam iniciar o terceiro ciclo, que é onde eles deveriam estar. “A prefeitura precisava de algum projeto interdisciplinar e, já conhecendo nosso trabalho na EJA, convidou o polo para fazer a formação dos professores.” No projeto municipal agora existe uma disciplina que é o Nepso, que durante o ano inteiro realiza trabalho escolar com os adolescentes.

Para Maria da Conceição, o Nepso é uma das raras propostas educativas que conseguem promover a interdisciplinaridade pra valer. “Um dos princípios do processo pedagógico na EJA é a interdisciplinaridade. Com as pesquisas, quase que a gente começou a pular do inter para o transdisciplinar, rompendo por completo o esquema disciplinar rígido. O tema extrapola a própria disciplina”, encanta-se.



Nascida na Tijuca e criada em Niterói, Cristina cresceu com o pé na água. O pai, um marinheiro aposentado, a mãe, uma ex-professora de piano. Com 14 anos, sem saber ainda o que faria da vida, optou pelo curso de magistério e entrou para o concorrido Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho, em Niterói. Em 1975, com 17 anos, já tinha um diploma de professora de 1ª a 4ª séries. Jovem e com tantos caminhos para escolher, optou pela faculdade de turismo. Paralelamente, pôs em uso a habilitação de professora e prestou concurso para trabalhar no município do Rio de Janeiro. Começou no mesmo ano. Seguiu com a faculdade de turismo, que durou três anos e lhe deu uma certeza: não tinha jeito, a educação era seu destino e seu coração estava na sala de aula.

Mal terminara a primeira faculdade, aos 21 anos, prestou vestibular para

a Universidade Federal Fluminense (UFF). Passou com pontuação para disputar vagas de medicina mas queria mesmo era pedagogia. Inscreveu-se e aproveitou as férias para servir como professora voluntária no Projeto Rondon. O projeto tinha como objetivo levar estudantes universitários para desbravar o interior do Brasil. O mais marcante dessa experiência foi um encontro: a jovem professora conheceu um estudante de engenharia florestal na Barra do Bugres, em Mato Grosso. Amor à primeira vista. Casaram-se rápido. Ficou grávida de sua primeira filha, Alice. O marido recebeu uma proposta para trabalhar na primeira fábrica de lápis nacional, a Labra. A fábrica ficava no Paraná, na

A utilização da metodologia na hora de tratar dos dados fez com que percebêssemos como essa matemática estava sendo mal ensinada.

Cristina Berbert

Nosso lápis



cidade de Araucária. Ele seria responsável pela compra da madeira; na época usava-se caixeta, uma árvore das regiões ribeirinhas – hoje em dia, por questões de sustentabilidade, usa-se o pinho. Assim, o jovem casal mudou-se para o Sul.

Sem muita demora, chegava a segunda filha, Liliane. Cristina assumira o posto de mãe em período integral. Um ano depois, em 1983, grávida do terceiro filho, Arthur, quis voltar para Niterói. O marido buscou trabalho na baixada fluminense e Cristina reativou sua matrícula como professora na rede municipal do Rio de Janeiro. Voltou a lecionar. Aproveitou o tempo que já não tinha e tentou retomar o abandonado curso de pedagogia. Deu conta de fazer algumas disciplinas. Foram quatro anos de tentativa no Rio, até que no final de 1987 chegava proposta melhor no Sul. Dada a perspectiva, Cristina se antecipou e prestou um concurso para trabalhar como professora na rede municipal de Curitiba.

Dois anos depois, novamente instalada na capital paranaense, dando aulas para a segunda série do primário e com os filhos um pouco maiores, resolveu voltar a estudar. Pediu transferência dos créditos com o objetivo de reaproveitar as disciplinas das faculdades anteriores e terminar o curso de pedagogia. Foi aceita pela Faculdade Positivo. Mais madura, trazia consigo as memórias de sala de aula no Rio, a experiência materna, as teorias aprendidas na faculdade de pedagogia, as dificuldades e alegrias da vida, a paixão pela alfabetização e a vontade de fazer algo de valor. Em 1993, recebeu o diploma de pe-

dagogia e no ano seguinte passou em concurso para supervisora escolar em Araucária, na região da grande Curitiba, a 27 km da capital. Trabalhava em dois turnos, o primeiro como professora em Curitiba e o outro como pedagoga em Araucária. Neste, assumia o papel de articuladora para a construção coletiva do projeto político-pedagógico e com iniciativas educativas dentro e fora da escola.

Ajudou a formar um grupo de estudo só de professores. "As assessorias promovidas pela prefeitura não bastavam. Começamos a nos organizar por conta própria, depois do nosso horário de trabalho, no período da noite, aos



sábados. A ideia era debater práticas educativas, formar grupos de estudo e de aperfeiçoamento. Éramos uns 20", conta.

O grupo continuava buscando novas maneiras de ensinar e aprender.

"Considerávamo-nos entendidos em língua portuguesa, mas queríamos saber mais sobre como dar alfabetização de matemática para nossos alunos.

A gente foi atrás de apoio na universidade".

A professora Maria Tereza Soares Carneiro, responsável pela área de matemática da UFPR, encantou-se pela iniciativa do grupo. Ela organizou uma assessoria feita pelos licenciandos em matemática e educação da UFPR.

Na sequência, no início de 2003, o Instituto Paulo Montenegro e a Ação Educativa entraram em contato com a Universidade Federal do Paraná (UFPR) e a professora Maria Tereza viu um uso para o projeto.

"A Maria Tereza não nos convidou de maneira aleatória, não foi por acaso. Já existia esse histórico desde 1998, esse acústico, essa conexão com nosso grupo de professores pela matemática." Ali já eram umas 150 pessoas, de oito escolas.

"Maria Tereza apresentou o Nepso justamente como oportunidade para o aprendizado de probabilidade e estatística, uma estratégia para aprofundar o raciocínio matemático", conta. "A utilização da metodologia na hora de tratar dos dados fez com que percebêssemos como essa matemática estava sendo mal ensinada", analisa.



No fim do primeiro ano, Cristina e Maria Tereza foram convidadas para apresentar a trajetória do projeto no Paraná no congresso. “Lá conheci o Fabio Montenegro”, lembra. Apesar de no primeiro ano não terem concluído a pesquisa, foram compartilhar a experiência do grupo, da assessoria da UFPR em iniciação em matemática e do uso do Nepso nesse contexto. No ano seguinte o polo finalizou sete pesquisas e em 2007 o projeto deu uma virada, com mais de 20 pesquisas. “O Nepso nos dava respaldo metodológico e teórico, podíamos nos aprofundar e levantar questões”.

As crianças da 3ª série do ensino fundamental da Escola Municipal Profa. Elvira de França Buschmann reclamavam da qualidade do lápis utilizado na escola. Perguntavam-se por que o lápis era tão ruim, por que o grafite quebrava tanto, por que nem adiantava apontar que a ponta já estava para cair de novo? Era inútil pedir um lápis novo para a professora pois o próximo estaria com os mesmos problemas. Desapontados, os alunos encontraram aí um bom tema de pesquisa.



Primeiro e de maneira mais evidente, notaram que o lápis fornecido pela prefeitura vinha de uma fábrica da cidade, a Labra – Cristina bem conhecia a Labra, afinal, mudara-se para o Sul mais de duas décadas antes porque o ex-marido havia conseguido um primeiro trabalho lá.

Depois, começaram a entender que existia um contrato entre a Labra e a prefeitura, para fornecimento de material escolar. “A pesquisa tomava um crescente muito legal. Não bastava chegar à análise dos dados, era realmente interessante divulgar os resultados”, conta. “Nós fizemos uma comissão de professores, pais e alunos, além da direção, e marcamos um encontro com a secretária de Educação”, lembra.

Na época, as crianças levaram para a Secretaria a caixa de lápis que era dada para a escola de presente. A caixa continha lápis nas condições que eram recebidos, quase todos quebrados. “Não é que os alunos eram desastrados na utilização do material”, comenta. As crianças, auxiliadas pelas professoras Ineide Gonçalves Batista e Priscilla Cardozo, elaboraram um dossiê, entre-

gue no final do ano letivo à Secretaria Municipal de Educação.

A partir das pesquisas, o interesse dos alunos nas questões da escola multiplicava-se naturalmente. No ano seguinte, a Secretaria da Educação cogitou a ideia de terceirizar a merenda escolar. Os alunos resolveram fazer uma pesquisa para avaliar a opinião de todos sobre o assunto. Estudaram conceitos como a qualidade e valor nutritivo do lanche, questões relacionadas à gestão da alimentação etc. “Fizeram até uma mesa-redonda, entre os alunos e os representantes do conselho da merenda”, conta Cristina. A investigação com o Nepso ajudou no entendimento da importância da qualidade dos alimentos, numa discussão de como cultivar hábitos alimentares saudáveis e como organizar medidas para evitar a terceirização da merenda. “Na época concluiu-se que eles preferiam a comida feita pelas cozinheiras.” A escola não teve a merenda terceirizada.

O envolvimento das crianças é muito forte. “Agora nós estamos vivenciando a seguinte situação: os alunos que foram nepsiados lá nas séries iniciais,



hoje estão no sexto e sétimo ano. Eles chegaram a exigir dos professores a utilização da metodologia.” E se alguns professores não manifestaram interesse ou tempo para a pesquisa, outros começaram a usar o Nepso todos os anos. Alguns professores tornam-se formadores, como Maria Aparecida Marinho Grassi, Cristiane Lipinski e Luciane de Jesus Telles. “Agora existe uma certa hierarquia, com os professores formadores que ajudam no desenvolvimento dos projetos”, explica. Outro destaque é como eles aprendem a trabalhar juntos novamente, ouvindo e respeitando. “Os professores percebem que não sabem tudo e não precisam saber sobre tudo de antemão. Eles se sentem encorajados em pesquisar e percebem a necessidade de investir no próprio crescimento cultural. O Nepso dá a ele segurança para isso”, analisa. Ao terminar uma pesquisa, todos têm consciência do processo percorrido e da nova bagagem. 🌈

Polo Paraná

educação da Universidade Federal do Paraná é parceiro do Nepso. A aliança entre as instituições surgiu devido à demanda dos próprios professores da rede pública para apoio na formação em matemática para alfabetização. Nesses cinco anos, foram realizados 71 projetos que envolveram mais de 3.550 alunos. Para a professora doutora Maria Tereza Soares, coordenadora do polo e do departamento de matemática da UFPR, a riqueza do Nepso está nessa forma com que o projeto cumpre boa parte dos requisitos da pesquisa quantitativa. “Damos aos professores uma metodologia para se fazer pesquisa muito próxima do formato acadêmico, com todos os itens necessários, desde a especificação e qualificação do tema até a definição de objetivos, passando pela descrição dos procedimentos metodológicos, com a construção de instrumentos, tabulação dos dados e análise com base em referencial teórico

no formato acadêmico.

“Vi uma oportunidade fantástica de viabilizar o ensino de conceitos de estatística e de probabilidade essenciais para a inserção da chamada educação estatística no eixo de conteúdo denominado Tratamento da Informação nos parâmetros curriculares de Matemática e exigido desde os anos iniciais do ensino fundamental”, comemora.



Maria Tereza Soares
Coordenadora do polo Paraná





Os pais vão com os alunos desenvolver as pesquisas na comunidade.

Sofia Ize Ludlow

Sofia Ize Ludlow, um nome em que se cruzam origens mexicana, francesa, inglesa. O pai de Sofie nasceu no México, filho de pais franceses e foi educado na França, tendo depois voltado ao México, onde nasceria Sofia. Seu avô Jorge Ize, também francês, chegou ao México na época da Segunda Guerra. A mãe de Sofia, filha de mexicano e inglês, nasceu no México e foi educada na França. Como diz Sofia: eu tenho um pouco de tudo! Está casada há 15 anos e seu marido Alejandro Salmon é designer industrial e projeta móveis. Tem dois filhos, Natália, com 9 anos e Santiago, com 12 anos.

Tal transnacionalidade provavelmente a estimulou a estudar relações internacionais, o que a levou a trabalhar na área de comércio internacional. Seu princípio de carreira foi no Banco de

Comércio Exterior, no México, e depois em vários bancos, sempre na área internacional.

Até que um dia o coração filantropo da família bateu mais forte e ela decidiu que iria fazer algo pelo país. Naquele momento nascia seu filho Santiago, e ela sentiu que, tanto pela terra, como pelo filho, precisava mudar a forma de organizar seu tempo e destinar sua energia.

A influência familiar veio forte naquela etapa de sua vida. Sofia crescera vendo sua mãe apoiar fundações que faziam um trabalho de apoio a pessoas com poucos recursos. Ela acabou fundan-

Nossa rede



do uma escola maternal, no sistema Montessori. Era uma casa onde recebia crianças desde quando eram bebês até a educação primária. Em toda a sua infância, Sofia acompanhou o esforço de sua mãe em conseguir fundos para que a escola pudesse funcionar e assim ajudar crianças de zonas marginais da cidade do México. Também seu pai tinha um perfil filantropo. Quando criança, era comum vê-lo ajudar pessoas desfavorecidas que residiam no entorno de sua casa de campo em Vera Cruz.

Com esses dois corações batendo forte junto com o coração de seu bebê Santiago, em gestação, aceitou de imediato a recomendação de uma pessoa amiga que lhe falou de ProEducación, uma organização então muito pequena e com a missão ainda por se definir. Isso já faz 11 anos. Eram quatro pessoas na instituição, e ela mais Pilar, uma das fundadoras, começaram a desenvolver um trabalho juntas, com o objetivo

de fazer crescer e consolidar a organização. De lá para cá transcorreram 11 anos e estão com 16 mil pessoas atendidas em escolas públicas primárias, no México, onde cobrem cinco estados.

A ProEducación começa desenvolvendo um diagnóstico da escola para ver como se encontram academicamente e como está o trabalho colaborativo de professores, pais e comunidade.

Em função desse diagnóstico inicial, desenha um programa de seis anos para cada escola. É dada uma intensa capacitação, começando com um curso para os gestores, e cursos para professores, alunos e pais, com o

objetivo de promover uma educação integral. Alguns cursos são dados por *experts*, com o apoio de coordenadoras do ProEducación, que supervisionam e avaliam estes profissionais. Além disso, as coordenadoras também ministram seus próprios cursos e acompanham a evolução das escolas, dentro dos 36 programas educativos que desenvolvem. "O apoio financeiro é dado por pessoas e organizações da sociedade civil. A ProEducación tem alianças com instituições e empresas mexicanas que têm *expertise* em educação e que, além de desenvolverem oficinas para as escolas, ajudaram a configurar uma



metodologia própria da ProEducación". O envolvimento dos gestores das escolas é um primeiro passo importante. As oficinas de capacitação iniciais são destinadas a estes diretos, o que torna a instalação do programa muito mais fácil pois eles é que iniciam os programas nas escolas. "Foram eles que nos ajudaram a impulsionar o programa no primeiro momento."

O Nepso chegou até Sofia através de Claudia Martinez, do IBOPE México, que veio buscar a ProEducación para implementar o programa que já era desenvolvido no Brasil. "Fiquei impactada quando ouvi sobre o programa. Era justo o que buscávamos para envolver a comunidade! Um programa completo, porque desenvolvia competência entre os alunos, em termos de atitudes, conhecimentos e habilidades e, ao mesmo tempo, trazia a comunidade."

Começaram um projeto-piloto e foram ampliando as escolas envolvidas. De 2006 até o ciclo escolar findo em junho de 2011 já desenvolveram 95 projetos de pesquisa. Os grandes temas trabalhados foram: violência, vícios, lixo, saúde nutricional (obesidade, anorexia, bulimia etc.), cuidados com o meio ambiente. O planejamento de setembro de 2011 a março de 2012 para o Programa Nepso inclui 26 grupos de alunos de 5ª e 6ª séries, de 10 a 12 anos. O crescimento do Nepso



no México tem sido consolidado. “Há várias escolas onde se aplica o Nepso ininterruptamente. São crianças do 5º ano primário, de 10 a 11 anos. Os pais vão com os alunos desenvolver as pesquisas na comunidade.”

O programa Nepso começou na zona rural e foi crescendo na direção dos centros urbanos. “No início do Nepso, buscamos escolas localizadas na zona rural, na cidade chamada Morelos. Ali o programa foi se desenvolvendo com facilidade. Onde encontramos mais resistência dos professores foi na Cidade do México. No Distrito Federal, os professores têm muito trabalho administrativo e por isso era difícil fazê-los se enamorarem do programa.”

A decisão de definir o diretor da escola como personagem-chave na implantação do Nepso se mostrou eficaz.

A ProEducación os preparou em um programa de capacitação e eles é que levaram o Nepso para suas escolas e envolveram os professores. “Em um dos primeiros congressos do Nepso, já levamos um diretor de escola onde havíamos aplicado o programa. Levamos também duas professoras e um pro-

fessor. Para eles foi uma oportunidade inesquecível de conhecer outra cultura, outros professores e, ao mesmo tempo, ver o alcance do Nepso. O diretor não tinha ideia da maravilha que era trabalhar com crianças de todos os níveis escolares. Abriu seus olhos para uma realidade abrangente e ficou fascinado com o projeto e seu alcance internacional. Os professores, ficaram muito animados e cheios de energia para voltar e aplicar o Nepso, depois de conhecer e interagir com os professores no Brasil – além de estarem orgulhosos de verem os alunos apresentarem o projeto que haviam desenvolvido no México.”

“Quanto às crianças, Nepso gera nelas uma consciência da importância de participar nos temas que preocupam a comunidade, como, agora, a violência. As crianças fazem perguntas sobre temas sobre os quais se preocupam e, ao obterem respostas em suas pesquisas, conseguimos que tenham mais paz.”

É o caso de pesquisas que acabam criando conhecimento sobre as zonas perigosas ao redor de suas casas, em

que lugares se vendem drogas perto da escola etc. “Se eu pudesse resumir o que os alunos fazem, diria que: Eu investigo, proponho e consigo soluções em benefício de minha comunidade.”

Quando olha tudo que a ProEducación faz e o que é o Nepso, Sofia considera que ele vai além de uma ferramenta: “O Nepso para nós é um programa educativo, com uma metodologia que é aplicada nas escolas através de nossas coordenadoras, junto com o professor de cada grupo, tendo como resultado forte desenvolvimento de competências e envolvimento da comunidade”. Nesta consolidação do Nepso, o grande projeto que está sendo implantado agora envolve a questão planetária.

São oficinas de consciência ecológica e, através disso, esperam que os estudantes desenvolvam pesquisas nessa direção. As oficinas acontecem nas aulas de informática. Desta forma, estarão vivendo a inovação tecnológica e os temas que inquietam a todo o planeta. Sofia fala disso com entusiasmo. Ela também é da água. Desde pequena,



faz esqui aquático. E seus filhos, desde cinco anos, também o fazem, tendo como professor o avô. Como disse Sofia: toda a minha família é da água.

Seu entusiasmo pelo Nepso é visionário. Imagina que nos próximos dez anos continuará impulsionando o programa Nepso nas escolas que ProEducación apoia. "Nos próximos anos, ProEducación consolidará um programa de capacitação e acompanhamento a professores nas escolas primárias públicas no México, com a finalidade de replicar o programa em benefício de mais crianças e mais comunidades educativas em nosso país." 🌍



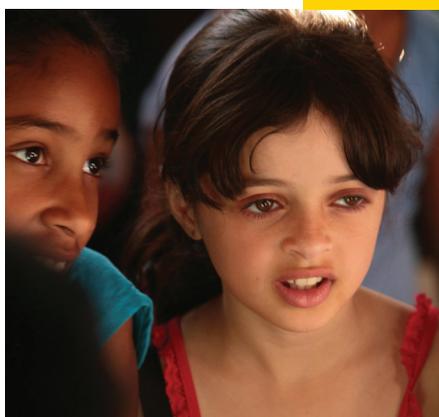
Claudia Martinez
Coordenadora do polo México

Polo México

México já fez 81 projetos que passaram pelas mãos de mais de 1.850 estudante pesquisadores. O polo conta com a parceria do IBOPE AGB México, da ONG ProEducación e da Comissão Mexicana de Cooperação com a UNESCO (CONALMEX). O programa tem assessoria da comunicóloga Cláudia Martinez, que desde 2007 entrou para o IBOPE México para cuidar de questões mais institucionais do grupo e fazer o Nepso deslançar no país. "Tenho dois chapéus. Um na educação, com o Nepso, onde busco compreender os professores e os estudantes. Trabalhamos com a escola primária, com crianças de 9 a 12 anos. Tenho que me envolver com este mundo. Meu segundo chapéu é projetar o IBOPE. Tenho que me dividir e mesclar os dois mundos, de forma delicada e cuidadosa." Desde sua implementação, o apoio recebido por

parte do IBOPE AGB México foi importante, inclusive assumindo-o como seu principal programa de responsabilidade social corporativa.

O Nepso já está maduro no México e é conhecido pelos benefícios que gera. "Damos uma ênfase especial ao envolvimento da família e da comunidade nos projetos de investigação realizados pelos alunos. Apostamos nesta estratégia para fortalecer a formação integral das crianças e adolescentes que participam do programa", conta Claudia.





Conceição Bezerra, 51 anos, adora ler e contar histórias. O último livro que leu foi *Persépolis*, de Marjane Satrapi, um quadrinho que relata a revolução de 1978 no Irã. Satrapi conta de forma autobiográfica e singela sua infância numa ditadura opressiva, o que lhe inspiraria a ser uma revolucionária de verdade. No texto, a menina Marjane não queria usar véu. Conceição, por opção, usa. Convertida ao Islã há sete anos, a professora de química gosta de ir a fundo em suas experiências. Já tinha sido católica, frequentando a Igreja Batista e a Assembleia de Deus, mas mesmo assim a necessidade de descobrir algo que lhe desse sentido continuava. Foi de maneira inusitada que deu de cara com o islamismo. Fazia um curso de LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) quando cruzou com Hamatz, uma albanesa que estava de passagem em Recife, pois o marido estava em Marajó trabalhando em pesquisa de

foguetes. Hamatz, que mal falava português, foi se meter a fazer um curso da língua brasileira de sinais. Uma questão de acessibilidade. E lá também estava Conceição, que trabalhava com crianças com deficiência auditiva e queria se comunicar melhor com elas. Logo se tornaram amigas e, como a comunicação sobre questões existenciais parecia fluir bem, Conceição foi conhecer o Centro Islâmico do Recife. "Existe uma resposta para cada coisa." E com tanta curiosidade e sede por respostas, o projeto Nepso lhe caiu como sonho em sala de aula. Conceição nasceu no bairro Casa Amarela, em Recife, mas desde os 4 anos mora em Camaragibe, a 15 km

Sempre gostei muito de descobrir, perguntar e encontrar a resposta.

Conceição Bezerra

Nossa cidade

da capital. Conceição se casou cedo. Aos 19 anos encontrou Paulo Roberto Martins, com quem está há 32 anos. O casal teve um filho, Emanuell Bezerra Martins, que já completou 24 anos. "Sempre gostei muito de descobrir, perguntar e encontrar a resposta. A química tem muito disso. A gente vê uma reação, faz uma mistura e sabe o que é, espera para analisar o que vai dar, o que vai acontecer", explica a razão da escolha pela licenciatura em química na Universidade Federal de Pernambuco. "No ano que vem, vai fazer 30 anos que sou educadora", conta. E Conceição nunca parou de estudar. Com especialização em educação especial pela Faculdade de Filosofia de Recife (Fafire), em pedagogia pela Universidade Federal Rural de Pernambuco e em psicopedagogia pela Universidade de Pernambuco, a professora segue com vontade de aprender. Este ano começou a estudar a pedagogia Waldorf, do filósofo e educador Rudolf Steiner, dica que recebeu de uma colega de Águas Emendadas (Distrito Federal), durante o Congresso IBOPE UNESCO do ano passado. O Nepso entrou na vida da professora faz uns sete anos. Ouviu falar do programa pela primeira vez na Escola Professor Carlos Frederico do Rêgo Maciel, em Camaragibe mesmo.

Duas professoras comentavam sobre a oficina de formação e Conceição ficou curiosa. “Falavam tanto de pesquisa, pesquisa, pesquisa e eu não entendia muito bem o que tinha a ver isso com a tal da reunião.” Da maneira dela, sem deixar a curiosidade dormindo no ponto, Conceição procurou saber o que era tamanho auê na escola. Entendeu que aquele projeto poderia transformar a sala de aula. Naquele mesmo ano, Conceição começou a fazer uma pesquisa, como participante, para aprender a metodologia. No ano seguinte, em 2005, já estava caminhando com as próprias pernas. “Fizemos vários projetos na escola e fomos convidados para ir a São Paulo participar do congresso.” Desde 2005, a professora faz pesquisa de opinião nas escolas por onde leciona. Já foi e voltou a dar aula na Escola

Prof. Carlos Frederico, e nesse intervalo levou o Nepso para o município dos Bezerros, a 90 km de Recife, no Centro de Ensino Escola Técnica do Agreste, onde fez uma pesquisa sobre a qualidade da saúde pública do município.

Levou também o trabalho para Recife, na Escola de Referência Porto Digital, onde fizeram uma pesquisa sobre atendimento ao turista na Casa da Cultura e no Mercado de São José; no ano seguinte, os estudantes pesquisaram a qualidade da educação estadual: ensino regular (um turno) versus escolas de referência (período integral). E no ano passado, de volta à escola agora de Referência Prof. Carlos Frederico, os estudantes começaram um projeto sobre *bullying*, que ganhou bastante relevância local.

“Os estudantes percebem o valor de entenderem aquilo que ainda não sabem, de buscarem informações em diferentes fontes. O Nepso premia a curiosidade!”, entusiasma-se. Ela ressalta o respeito à divergência que nasce a partir do projeto. “Aprendemos que é possível pensar e ter uma opinião diferente da nossa. O Nepso propõe o aprender a ser, a fazer, a conviver e a conhecer. São os pilares da educação.” Toda diferença passa a ser respeitada, compreendida e até desejada no processo.

A motivação em desvendar e organizar a informação é grande. “O estudante hoje em dia tem acesso à Internet, sabe pesquisar no Google, usa celular. Ele precisa de algo que o estimule a fazer uma descoberta. O Nepso dá significado ao conhecimento enquanto o aluno





investiga". Os estudantes se encontram no centro do aprendizado não como um repositório vazio a ser preenchido com conteúdo das cartilhas, mas como responsáveis pelo caminho a ser percorrido para aprender, protagonistas do próprio aprendizado.

Nas escolas, Conceição deixa o convite aberto para quem realmente tem interesse em participar. "A gente não tem uma sala de aula, a gente tem um grupo de pesquisa", o que enriquece ainda mais a experiência. A professora viu a mudança de postura na sala de aula, do interesse espontâneo desde a definição do que seria pesquisado: "É fascinante como essa etapa alavanca todo o projeto. No ano passado, quando os estudantes escolheram *bullying*, só um deles, que defendeu o tema, sabia mais ou menos do que se tratava. Foi durante a qualificação que cada um foi pesquisar o que era *bullying* e tudo gerou muito debate, muita discussão, muito engajamento".

Os estudantes mergulham de cabeça no assunto, recortando jornais, revistas, montando seminários. "Porque, quando chegar a hora de fazer o questionário, o importante não é fazer qualquer pergunta, mas é fazer a pergunta que vai trazer algo novo, é saber perguntar o que realmente vale a pena investigar".

O projeto é coletivo, todos fazem, todos têm voz. Às vezes, uma pergunta



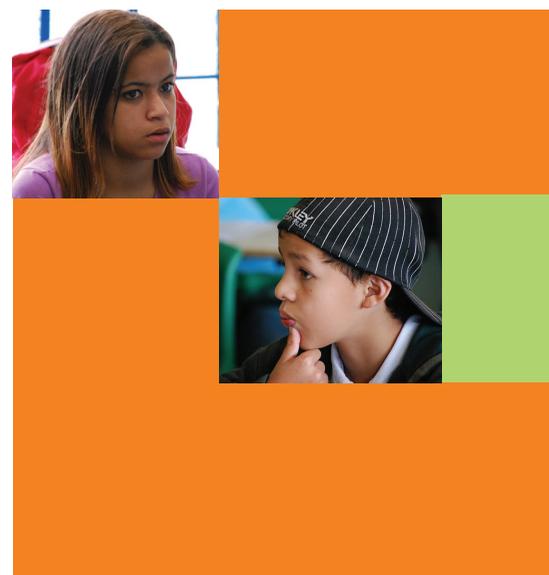
é modificada por várias pessoas. "Não existe isso de 'minha questão, é a nossa dúvida. Todo mundo pode contribuir e acrescentar." Os participantes da pesquisa sobre *bullying* ficaram tão entusiasmados com os resultados que acharam importante compartilhar o conhecimento com a comunidade. Sozinhos, organizaram um ciclo de palestras que foi apresentado nas oito escolas estaduais da região. "O próprio grupo trouxe a sugestão de apresentar os achados da pesquisa e discutir o tema nas escolas que apresentavam mais problemas com violência. Todo mundo mora no mesmo bairro. Falaram com os gestores das escolas, com a Secretaria de Educação do Estado e mostraram o *bullying* como tema transversal", conta.

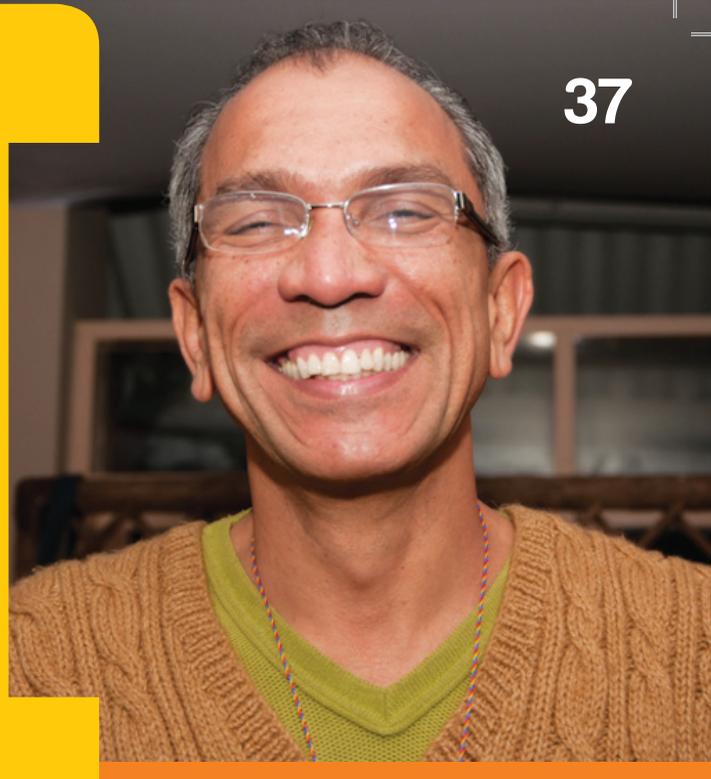
Todos os professores participaram das palestras. "Em algumas escolas que nós visitamos, a turma e o próprio gestor da escola indicaram os estudantes mais resistentes a ouvir a palestra, tanto vítimas como agressores." Eles ouviram muitos depoimentos. Um que marcou foi de uma moça de pouco mais de 30 anos, num curso para Educação de

Jovens e Adultos (EJA), que pediu a palavra para contar sua vida. "Ela havia sofrido *bullying* na infância e por isso havia parado de estudar. Só mais velha teve coragem de retomar os estudos, por uma necessidade dos filhos".

O interesse pelo tema foi tamanho que os estudantes resolveram fazer outra pesquisa com nova abordagem.

"A ideia é explorar pontos que ficaram sem respostas", explica Conceição. Os estudantes conseguiram novo apoio também. A Confraria da Educação que funciona na Faculdade Maurício de Nassau cedeu mil folhetos de cordel sobre *bullying*, o cordel "*Bullying na Escola*". Assim, além das palestras nas escolas, os novos pesquisadores também distribuem cordéis. "A responsável da Clínica Escola de Psicologia da





Luciano Cavalcanti
Coordenador do polo Pernambuco

Faculdade Maurício de Nassau de Recife nos ofereceu 20 vagas para as vítimas e agressores, os nossos estudantes estão sendo encaminhados para atendimento”, orgulha-se a professora com os desdobramentos da pesquisa. O superintendente acadêmico da faculdade e mestre em política educacional pela UFPE, Prof. Inácio Feitosa Neto, também engajou-se pessoalmente. Começou a organizar palestras sobre o tema na faculdade, na TV Universitária, além de escrever artigos que ficam disponíveis na internet. “A pesquisa é um retrato do que a sociedade pensa sobre um tema naquele momento e a partir daí é possível traçar novas estratégias e diretrizes para assim combater o *bullying*, para prevenir, conscientizar e eliminar o problema. Essa pesquisa deve ser repetida para verificar se houve alteração no quadro e assim fazer as devidas intervenções”, defende Feitosa. O assunto ganhou atenção política e entrou na agenda como conteúdo pedagógico da educação básica. 🌈

Polo Pernambuco

O Nepso está em Recife, um dos primeiros polos parceiros, há dez anos. Inicialmente, a aliança foi com o Centro de Cultura Luiz Freire (CCLF). Em 2002/2003, Luciano Cavalcanti, coordenador pedagógico e professor de matemática da Escola de Aplicação da Universidade Federal de Pernambuco/UFPE, encontrou o projeto através de uma pesquisa na Internet. Sem perder tempo, entrou em contato para usá-lo. “Como o Colégio de Aplicação permitia inovações, quis desmistificar para os alunos da quinta série um pouco aquela história de que quem faz pesquisa era só quem estava na universidade.” O Colégio de Aplicação, rapidamente, formalizou a parceria com a Escola de Aplicação da UFPE e depois com a Universidade Federal Rural de Pernambuco, pois o Nepso tornou-se parte oficial do currículo para a disciplina Pesquisa. Os projetos se multiplicavam. Em pouco tempo, foi natural que o polo de referência passasse a ser o da

Escola de Aplicação da universidade, e, desde 2005, Luciano assumiu a coordenação do Nepso em Recife. Em uma década, já foram feitos mais de 106 projetos de pesquisa. O Nepso PE já envolveu cerca de 4.450 alunos. Este ano, o polo estabeleceu mais uma parceria, agora com a Coordenação de Ensino de Ciências do Nordeste (Cecine). Segundo Luciano, estas parcerias fortalecem o programa porque permitem ampliar o alcance do Nepso em escolas do Estado todo.

“A primeira condição é o desejo de fazer algo melhor, esta insatisfação pedagógica de querer oferecer uma educação com mais significado. No programa, o professor vai perceber que não está só, que tem uma rede de professores como ele.” De resto, é só pesquisa e prazer, pois todos estão juntos no mesmo barco – professores, coordenadores e alunos – aprendendo a cada pergunta e com toda resposta.



Ariane nasceu em Senhor do Bonfim, em pleno sertão baiano. Mora a 42 km de lá, em Andorinha, na comunidade Lagoa das Pedras. "Aqui onde estou é um povoado, zona rural mesmo, roça!" Faz 22 anos que Andorinha deixou de ser distrito de Bonfim e virou município. Mesmo emancipada tão recentemente, já é uma cidade com história própria faz tempo. Nos anos 1930, foi até cenário para as peripécias do cangaceiro mais temido do Nordeste, Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião. E é de lá que vem Ariane, com sua doçura, contar sobre educação rural, uso de drogas entre jovens, plantação de mandioca e pesquisa de opinião que fez quando estava no ensino fundamental. Nascida sob o signo de Leão, Ariane tem hoje 19 anos. Sua mãe, Eliete Raimunda, de 45 anos, é doméstica. Seu pai, Ariosvaldo Francisco, de 50 anos,

é lavrador. Ariane Eliete tem uma irmã mais nova, a Arielle Eliete, de 12 anos. Arielle hoje estuda na mesma escola em que Ariane estudou, na E. M. Herculano de Almeida Lima, lá em Senhor do Bonfim. Foi lá, diga-se, que Ariane conheceu Veronilde Costa, coordenadora do núcleo.

Quando ela estava na 7ª série, a rede do Nepso chegou à Bahia e balançou na porta da Herculano de Almeida. Os professores rapidamente foram apresentar o recém-chegado nas salas de aula. Ariane tinha 15 anos. "A ideia da pesquisa na sala de aula era muito interessante, a gente tinha que conhecer nossa região, estudar nossa realidade", conta. Lembra a menina que os colegas

A gente queria estudar algo que fosse importante de verdade pra gente.

Ariane Eliete Silva

Nosso sertão

logo se empolgaram. Naquele ano, resolveram investigar o uso de drogas entre jovens. "De início, escolher o tema foi um pouco difícil. A gente queria estudar algo que fosse importante de verdade pra gente", e isso gerou bastante debate em sala de aula. Depois de muita pesquisa sobre o tema, chegava o momento de escolher o foco da investigação, montar os questionários e definir a amostra.

Decidiram por explorar como, pelas mãos de quem, os jovens começavam a usar drogas, a forma como adquiriam e quais tipos eram mais consumidos. Foram cem entrevistas, sendo metade na própria escola e metade com pessoas da comunidade. "A parte mais interessante foi fazer as entrevistas e a parte mais difícil foi entender o que fazer com todas aquelas respostas", ri.

Para isso, a turma contou com o apoio da professora de matemática Veronilde,



o foco tinha sido o uso de drogas, no novo ano os alunos queriam pesquisar sobre uma das principais produções da região: a mandioca. Sem demora, quatro turmas engataram em diferentes projetos de pesquisa sobre os processos produtivos, geração de renda e perfil dos trabalhadores locais. A turma de Ariane resolveu investigar o que, de produto, era feito a partir da mandioca em Igara. A professora Eliene Silva, de artes, ajudou a turma a qualificar o tema. Resolveram que entrevistariam plantadores, raspadores e vendedores de produtos da mandioca. Fizeram os questionários e dividiram a amostra de cem em três partes iguais, uma para cada grupo a ser analisado. E lá foram eles a campo. Dessa vez, todos os entrevistados eram somente

agricultores e produtores. “Eu nunca tive vergonha de fazer entrevista, achava legal conversar, ouvir e aprender. Era interessante ouvir as respostas dos entrevistados e entender a realidade deles. Quando você está pesquisando, você aprofunda seu conhecimento sobre o tema. Depois, quando volta e vai tabular os dados, vê de forma exata o que aprendeu e melhora seu entendimento daquilo que pesquisou e já ouviu a opinião das pessoas”, explica. Além de trabalho, tinha a farra e a alegria: a turma ganhava beiju salgado enquanto entrevistava os trabalhadores. Na pesquisa, aprenderam muita coisa. Entre elas, Ariane lembra que os plantadores, raspadores e vendedores reclamaram bastante da falta de saneamento básico nas casas de farinha,

que até hoje é grande amiga de Ariane. Analisaram os dados e descobriram que o álcool é principal droga consumida pelos jovens, sendo seguida imediatamente pela maconha. Identificaram que as drogas chegam primeiramente por intermédio dos amigos e que a maconha se compra facilmente nas ruas mesmo. Na opinião dos entrevistados, pouco era feito para combater o uso de drogas e faltavam alternativas de recreação e cultura para os jovens. Ao mesmo tempo, outra turma na mesma escola fez uma pesquisa somente sobre o alcoolismo e identificou que os jovens começavam a beber entre 10 e 14 anos. As duas pesquisas se complementaram, ampliando o conhecimento dos estudantes sobre os problemas sociais da região. No ano seguinte, as turmas voltaram das férias empolgadas para fazer nova pesquisa. “Descobrimos como era gostoso participar, que queríamos aprender sobre aquilo que era importante pra a gente.” Se no ano anterior





além da necessidade de equipamentos e recursos. Outra descoberta feita foi que os que raspam a mandioca recebiam muito menos com o trabalho, a maioria abaixo dos R\$ 100,00 por produção, enquanto os plantadores têm uma variação maior de lucro, chegando a ganhar de R\$ 20,00 até R\$ 1.000,00 em uma produção.

Para Ariane, o reflexo do Nepso ultrapassou o limite da pesquisa. "Aquilo tudo ajudou muito na participação até mesmo dentro da sala de aula. Isso é que eu não vou esquecer. A vontade de conhecer lugares novos, pessoas diferentes. Abriu a nossa mente, para ir para outros lugares", conta. Depois, de tamanho envolvimento com tudo, a turma organizou uma viagem para Canudos. "A gente teve esse interesse e foi atrás. A gente quis conhecer de perto o cenário de Antonio Conselheiro, porque na época a gente estava estudando sobre a guerra que houve lá. E por causa do Nepso, a gente sabia que ir atrás das coisas era possível." No final daquele ano, Ariane foi convidada para apresentar a pesquisa

no Congresso IBOPE UNESCO, em São Paulo. Foram ela e a colega Juliene. "Foi inesquecível. A gente tem até um CD com fotos! Conhecer todas aquelas pessoas, de vários lugares, na época tinha o pessoal da Argentina, Colômbia, Portugal, Rio Grande do Sul. É uma experiência que você vive e nunca mais esquece, não tem como", lembra-se. Além de ter sido uma oportunidade para falar sobre o que descobriram nas pesquisas, ouviram sobre a realidade dos outros. "Isso também faz parte da formação da gente enquanto jovem, enquanto estudante, a gente aprende muito. Todo jovem podia passar por esse tipo de experiência para dar mais valor ao que tem."

A vontade de aprender a partir da realidade nunca mais saiu do coração de Ariane. "Sou assim até hoje. É isso

que a gente gosta do Nepso. Não só da pesquisa, mas de todo o percurso, em tudo, acho que foi uma lição de vida.

Além da pesquisa, tinha um grupo de jovens, e a gente aprendeu muito a forma de se organizar, de redescobrir o interesse pela própria escola." Agora ela está no 3º ano do ensino médio e faz curso técnico de agropecuária na Escola Família Agrícola do Sertão (Efase), que fica em Monte Santo. Estabelecida em 1998, a escola tem pouco mais de 250 alunos e todos são de comunidades rurais dos municípios vizinhos. Na Efase, os alunos aprendem sobre cultivo e pecuária, com as hortaliças, fruteiras e também as criações de caprinos, ovinos, suínos e galinhas da instituição. Ariane e os outros alunos passam 15 dias internos na escola e 15 dias acompanhando comunidades



rurais em seus municípios. Este é o momento diferenciado do aprendizado, quando fazem a aplicação prática do que estão aprendendo na Efase, e, além de transmitir o novo conhecimento, refletem sobre a realidade.

Para a parte prática, os alunos têm o apoio do programa da Superintendência da Agricultura Familiar (Suaf), da Secretaria da Agropecuária do Estado. "Faço o acompanhamento de 17 famílias em Andorinhas, dando, além de suporte na área técnica, apoio na área social". Empolgada com os novos aprendizados, conta sobre seu contato nas comunidades, sua nova forma de refletir sobre a realidade e seu interesse em atuar como cidadã e aluna. "Na nova escola não fizemos ainda uma pesquisa Nepso, mas porque é diferente mesmo. A forma como fazemos a parte prática talvez já tenha um pouco disso", compartilha. 🌈

Núcleo Senhor do Bonfim

O núcleo Bahia faz parte da rede Nepso desde 2007 e já realizou 45 projetos, envolvendo mais de 1.180 alunos, com 76 professores. O projeto teve início com o apoio da organização não governamental britânica Save The Children e atualmente conta com o apoio da Secretaria Municipal de Educação de Senhor do Bonfim. O prefeito da pequena cidade, uma vez por semana, dá plantão na praça para atender à população, e ali conhece situações onde escolas multiseriadas têm crianças em início de alfabetização misturadas, dentro de uma mesma sala, com crianças que já estão na 4ª série. A coordenação do núcleo é feita pelas professoras Eliene Rodrigues e Veronilde Costa. Na Escola Municipal Herculano de Almeida Lima, as duas professoras encorajam a criação de um movimento social de base com jovens, e a pesquisa tem sido

a ferramenta pedagógica que une os jovens e ultrapassa os muros da escola. Em 2009, além de contar com a adesão de escolas de educação infantil e séries iniciais, o núcleo começou a fazer oficinas de teatro com os jovens de Igara. Assim, os jovens pesquisadores puderam de forma lúdica e com bom humor mostrar para a comunidade seus projetos de pesquisa e campanhas em favor do meio ambiente.

"Um dos momentos mas importantes de nosso trabalho com o Nepso é quando organizamos uma exposição sobre as pesquisas realizadas naquele ano. A divulgação dos resultados tem um peso grande para nós, é um espaço que vamos ocupar. E a gente ocupa mesmo! Vamos para o centro da Praça do distrito em pleno mês de Junho, na festa de São João e colocamos os resultados lá. Colocamos os resultados perto da comunidade.

Eliene Rodrigues e Veronilde Costa
Coordenadoras do núcleo Bahia



Ileana nasceu em uma cidade chamada Lomas De Zamora, que fica a 20 km ao sul da cidade de Buenos Aires. A experiência profissional com educação começou na própria escola onde estudou. "Terminei a escola aos 18 anos e sabia que precisava trabalhar, só não sabia com o quê. Sabia bem o inglês e, lá onde estudei, precisavam de professora para apoio escolar da disciplina." Começou com poucas horas, mas, com o tempo, gostou tanto que começou o professorado. Primeiro deu aula para crianças pequenas de 6 anos, depois de 10 até 13 anos. Enquanto isso, cursava ciências sociais na Universidade de Buenos Aires. Depois, até por ser estudante de sociologia, passou a dar aulas de ciências sociais. Foi dar aula em um "refeitório para meninos", lugar onde os pequenos podem comer e recebem apoio escolar.

"Os meninos eram muito pobres e tinham necessidades diferentes das que eu conhecia na escola, que era paga. Aprendi muito das relações deles com o "fora", o que acham, quais são suas expectativas." Ileana ficou no refeitório por quatro anos. Já faz oito anos que ela deixou de dar aula. "É uma profissão sacrificada, mas muito gratificante. Os alunos lhe ensinam coisas. Até hoje alguns me escrevem e quando os encontro na rua, conversamos!", conta. Mesmo assim, seu envolvimento com educação não podia parar.

Nossa caminhada



O papel do professor muda para permitir o desenvolvimento do projeto na turma.

Ileana Arisqueta

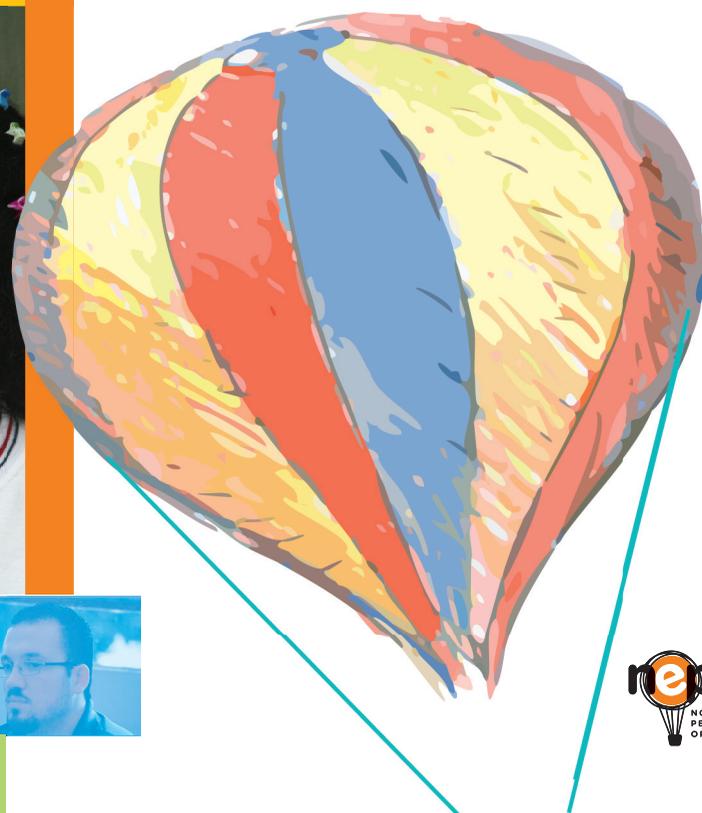
Quando achou que tinha "deixado" de lado sua vocação para educação, outra porta se abriu em seu caminho e dentro da empresa onde trabalha. Ela estava no IBOPE Argentina como coordenadora de campo do Target Group Index, e o pessoal do Brasil chegou com o Nepso, em 2005. O professor Oscar Garcia, da Universidad de San Martin e da ONG Seguir Creciendo, com larga trajetória no terceiro setor e no voluntariado, coordenou inicialmente o polo Argentina, o primeiro polo internacional do Nepso. Foram anos de entusiasmo e de um trabalho dedicado para divulgar o projeto no país. Com o apoio do IBOPE Media Argentina, o polo traçou estratégias, adaptou materiais e iniciou as primeiras aproximações com as escolas.

“Eu trabalhava há um ano no IBOPE e um colega, Juan Querol, fazia a ponte entre a empresa e a coordenação do polo. Ele fez uma reunião de informação e eu participei. Fiquei muito interessada no projeto, porque as professoras trouxeram o material que tinham feito com os alunos. Lembrei da época em que eu era professora, os alunos, a coisa escolar que tanta saudade trazia para mim”, retoma ela.

Os anos passaram, quatro exatamente. “Eu mudei de área no IBOPE e Juan saiu da empresa. Aí os gerentes acharam que meu perfil era bom para as tarefas que o Nepso propunha e me escolheram para assessorar o polo”. Por voltas do destino, Ileana começou a ser assessora de Ricardo Baquero, que coordena o polo argentino na Universi-

dade Nacional de Quilmes. “Já era uma responsabilidade grande, tinha que exercitar meu português, que estudava enquanto trabalhava para Target Group Index, tinha que falar com coordenadores de outros países. Era algo novo, e também ligado aos meus interesses pessoais. Imediatamente me entusiasmei muito.”

Desde que participou de um congresso, foi fisgada para o projeto. “No primeiro congresso a que assisti, tantos alunos explicando como tinham feito





as investigações, seu protagonismo, o lugar e a voz que eles podiam conseguir na escola, com seus professores, na comunidade com vizinhos, com autoridades. Isso foi surpreendente para mim. Outra coisa foi a responsabilidade com que eles adotaram a proposta e os temas que eles escolheram, porque sempre são temas da realidade social que lhes tocam bem de perto, na sua família, bairro, escola", explica Ileana, encantada com o comprometimento dos alunos.

Nos projetos que começaram a ser feitos na Argentina, Ileana ressalta como o papel do professor muda para permitir o desenvolvimento do projeto na turma. "É realmente gratificante como profissional das ciências sociais ver que os alunos escolhem problematizar as questões cotidianas, porque eu



acho que é um princípio para encontrar caminhos, saídas e propostas alternativas que ajudem a pensar soluções."

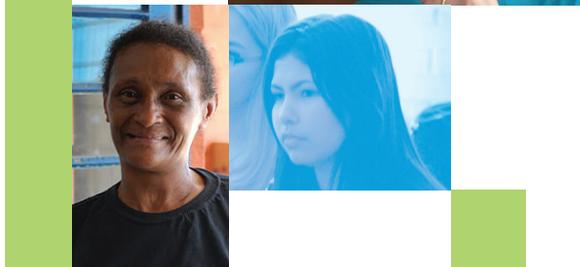
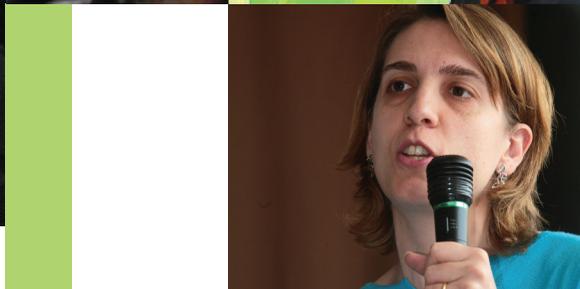
Como funcionária do IBOPE, Ileana dá assessoria ao coordenador Ricardo Baquero e à professora Julia Lucas nos projetos na Argentina. "A nossa participação está ligada a prover ajuda e assegurar os aspectos materiais, mas também em acompanhar a coordenação pedagógica, colaborando nas questões mais institucionais, apoiando e organizando eventos, encontros e seminários", explica.

Para Ileana, o mais importante acerto foi desenvolver nos professores a confiança na possibilidade de aprendizagem dos alunos. "Não digo que eles não a tivessem. Somente que às vezes, com o cotidiano nas escolas, sem motivação, é mais fácil continuar nessa linha de os professores são os que ensinam e os alunos os que aprendem. A utilização da pesquisa de opinião na escola, é poderosa nessa mudança dos papéis", anima-se.

A nova coordenação da Argentina é muito recente, com apenas dois anos de trabalho. Mesmo assim, para ela, somente agora o polo está maduro e com força para crescer.

A nova coordenação da Argentina é muito recente, com apenas dois anos de trabalho. Mesmo assim, para ela, somente agora o polo está maduro e com força para crescer.





Ricardo Baquero
Coordenador do polo Argentina

Polo Argentina

“Podemos desenvolver novos convênios. O grande desafio que temos pela frente, e isso é para todos, é apoiar o Nepso como uma ferramenta sempre atual, renovando conteúdos, metodologias, práticas e sobretudo nossa vontade de contribuir para a educação em nossos países.”

Desde o nascimento do polo até hoje, já foram realizados 43 projetos, envolvendo mais de 900 estudantes. Durante todo o período, a parceria com o IBOPE Media Argentina foi essencial, permitindo que, nesses sete anos de Nepso, o sonho por um novo jeito de pensar e fazer a educação fosse maior que qualquer desafio. 🌍

Em 2010, o professor e escritor Ricardo Baquero, da Universidad de Quilmes, conheceu o Nepso por meio de Guillermo Williamson, coordenador do Polo Chile. “Já vínhamos em busca de experiências educativas que possibilitassem outras formas de participação dos alunos. Os principais pontos que me chamaram atenção no Nepso foram a participação, a atuação em rede e a relação com a comunidade. A proposta estava dentro de um eixo de problemas que estávamos investigando em torno de fracasso escolar, sobretudo de alunos em setores vulneráveis”, explica Baquero. Para coordenar as atividades do programa, Baquero conta com a professora Júlia Lucas, que assumiu o projeto com o coração.

Em 2011, a Universidad de Quilmes foi sede do Primeiro Encontro entre os polos Argentina e Chile. Ali estavam presentes docentes, estudantes e

articuladores do Nepso nos dois países, além de Marilse Araujo, coordenadora geral do programa. Um dos aspectos peculiares desse encontro foi que os docentes argentinos receberam os docentes chilenos em suas próprias casas, compartilhando desse modo parte de sua cultura e intimidade.

“É preciso colocar os alunos numa posição ativa sobre a construção do próprio conhecimento. A escola parece um pouco antiquada na forma de organizar as aprendizagens. Parece um castigo, um hospício para aprender. O aluno fica numa posição infantil, onde não decide praticamente nada. Do ponto de vista de nossa visão educacional, o mais importante no Nepso é jogar com a tensão entre saberes, às vezes não escolares e não acadêmicos, que possuem os alunos e a comunidade.”





Filha de pai mineiro e mãe fluminense, Fabiana Luiza Ronzani nasceu, cresceu e vive em Rio Bonito, na baixada litorânea do Rio de Janeiro. A cidade está no meio do caminho para as praias paradisíacas e deslumbrantes da região dos Lagos. Não é à toa que a professora tem uma ligação muito forte com a natureza e, de um modo pessoal e profundo, tem íntimo respeito pelos mistérios da vida. Fala de uma noção pessoal “de bem, de consequência e de unidade”. Tem nesse eixo filosófico sua sustentação e põe em prática sua força quando está em sala de aula. “Como professor, você quer que em algum momento a transformação passe para seu aluno, que aquilo que você está falando tenha significado e seja significativo, que possa oferecer um novo horizonte para aquela criança. Você quer que seu aluno tenha condição de sonhar com outro futuro.”

Sua história como professora teve início há 11 anos, quando foi selecionada pela Secretaria de Educação para criar a grade do curso técnico de informática. Fabiana é formada em ciências da computação e matutava um currículo escolar que pudesse capacitar os alunos em usar computadores para realizar tarefas básicas. Hoje, aos 39 anos e com mestrado em meio ambiente, leciona em três escolas, duas municipais e uma particular. Entre as municipais, a Escola Municipal de Ensino Médio Dr. Márcio Duílio Pinto, com turmas multiseriadas – ou seja, com alunos de diferentes idades e níveis de escolaridade na mesma sala –, é a menina dos olhos da professora.

Nossa infância

A escola foi fundada em 1999 e pela lei de perímetro urbano é considerada uma instituição urbana, mas na prática está bem longe disso. Localizada no Km 255 da BR-101, a estrada até a escola é de chão batido e o estilo de vida dos moradores é ainda típico da zona rural. “São poucas famílias no bairro. Eles não têm muita perspectiva, como se nunca fossem sair daquela condição social”. O espaço da escola é pequeno: são três salas de aula, sendo uma delas o laboratório de informática. “Em um concurso, o Duílio foi sorteado para ganhar computadores”, comemora. Ela está lá há dez anos, desde 2001. A diretora, que é amiga pessoal de Fabiana, fez o convite urgente para que ela desse aula na escola pois o outro professor não podia mais continuar. Além da localização fora de mão e a falta de recursos, o fato de ter turmas com alunos de diferentes níveis potencializa o desafio de qualquer aula. “Antes de mim, quatro professores tinham passado por lá e desistido.” As condições evidenciam as dificuldades do ensino público. Logo quando Fabiana começou, a escola recebeu a visita da então coordenadora do polo Nepso do Rio de Janeiro, Lourdes Atie. Depois de ver a apresentação do Nepso, a jovem professora viu no uso do projeto de pesquisa uma

“Ela vai ter condição de sentir, nem que seja por um momento, que para alguma coisa ela é fundamental, que sem ela não existe projeto.”

Fabiana Luiza Ronzani



agressividade do aluno e foi socorrê-lo. “De repente, lá estávamos, em campo, ele tentando ler e eu, percebendo que ele não sabia ler, tentando ajudá-lo na leitura pública”, diz.

Ali a nova professora percebeu que a escola é que agredia Valdinei, pois não estava dando conta de ensiná-lo a ler. Independentemente do resultado, a primeira pesquisa havia sido mais que “reveladora”. O Nepso, sem querer, havia dado à nova professora um novo entendimento da relação professor e aluno e de seu papel como educadora. Naquele mesmo ano, Fabiana montou um curso paralelo de alfabetização para os dois alunos com problemas de alfabetização e acompanhou-os de

perto durante muito tempo.

Caso à parte, ano após ano, os alunos pediam por mais pesquisas e sempre queriam superar o que tinha sido feito no ano anterior. Rio Bonito é localizado perto de um lixão e propicia contrastes: a proximidade com as praias mais badaladas do litoral brasileiro versus as dificuldades e degradação da zona rural. Não por acaso, os alunos repetidas vezes escolheram temas relacionados ao meio ambiente para pesquisar. Para a professora, o que marca ao ver o aluno em campo, perguntando e depois divulgando o que ele aprendeu, é que ele entende que a mudança pode e deve partir dele. Motivar a participação dos alunos fora da sala de aula na

oportunidade de motivar os estudantes da turma e, de lambuja, ensinar informática. “Achei que seria uma forma de significar o uso de excel”, revela. Sem demora, propôs aos novos alunos a realização de uma pesquisa. A garotada assumiu o desafio e, para surpresa da professora, Valdinei e Marcos Vinicius, dois alunos classificados por professores anteriores como “difíceis”, ficaram muito motivados. As aulas tinham muito debate e todos queriam dar sua opinião. O primeiro projeto de pesquisa começava a ganhar corpo. Assunto aprofundado, questionário pronto. Chegava o momento de ir a campo. Empolgado com a atividade, Valdinei queria mostrar liderança para os colegas. Perdeu a vergonha e tentou ler as perguntas e alternativas em voz alta. Só que, naquele momento, ele esqueceu de um segredo importante que nunca tinha contado pra ninguém na escola: apesar de ser o mais velho da turma, ele ainda não tinha aprendido a ler. Na hora, Fabiana entendeu a





pequena cidade fez aflorar o poder de transformação que o aluno tinha e do qual não se dava conta. “O papel da educação tem que passar necessariamente pela construção do cidadão. O aluno não é só um receptor de conhecimento, mas um agente de transformação daquilo que conhece.” Por causa das pesquisas, a professora e a turma começaram a organizar mutirões de coleta de lixo nos bairros e promover o diálogo escola-comunidade.

“É nesse momento que eu sinto que vivo meu magistério na essência, fazendo aquilo como eu acredito, da forma como eu acredito. Nem todos os momentos de aprendizagem são assim, a estrutura do ensino no Brasil não permite. Os conteúdos são cobrados de forma rígida e em demasia. A estrutura do sistema faz com que a gente congele na forma de ensinar, ignore a inovação e o desejo de mudança. O Nepso é minha renovação de fôlego

anual”, conta.

Além dos relatórios finais dos projetos feitos pelos alunos, das apresentações para o público, Fabiana e os alunos registram todo o processo em vídeos. Tudo começou ainda no primeiro ano. Na época, um dos alunos tinha uma câmera e filmou o processo de pesquisa. Depois, Fabiana foi à casa de um amigo da família e editou o material. “A ideia foi dos alunos, mas eu adorei. Nunca mais deixei de documentar.” No ano passado, o filme que marcava o fim da pesquisa ganhou até um caráter ficcional, com extraterrestres vindo salvar o planeta porque o homem estava destruindo a Terra. “Nós criamos uma história e fizemos um filme de verdade. Eles se sentiram roteiristas e artistas.” Os alunos trouxeram a estrutura do roteiro e Fabiana ajudou a criar os diálogos, com eles, em sala de aula. “A gente levou muito tempo. Teve até debate sobre trilha sonora!”, ri.

No projeto, a criança passou a ser a estrela da sala de aula. “Ela vai ter condição de sentir, nem que seja por um momento, que para alguma coisa ela é fundamental, que sem ela não existe projeto. As crianças que eu tenho em sala de aula são muito judiadas e é tanta judiação que eu não tenho nem coragem de falar. Com o Nepso elas descobrem que o que elas fazem tem valor, daí essa felicidade de ver um conhecimento que elas construíram, de fazer um filme.”

Todo ano a turma abre espaço para novas perguntas. “Será que isso é por causa daquilo? Isso daria uma outra pesquisa!” Lá vão eles, estudar o assunto, levantar hipóteses e depois bolar novo questionário. “A gente, no questionário, tem muitas sinalizações, mas ninguém sabe os motivos... A gente tem uma conversa muito gostosa quando analisa os resultados.” E nessa conversa, uma pesquisa leva a outra, porque os resultados apontam para verticais que não necessariamente foram exploradas pela pesquisa. “Em tudo na vida, você vê como se aprofundar e buscar mais.”





Katia Edmundo
Coordenadora do polo Rio de Janeiro

Polo Rio de Janeiro

O polo Rio de Janeiro realizou o projeto-piloto ao lado do de São Paulo, em 2000. A parceria para o teste foi com a empresa de consultoria educacional Ideias Futuras, que tinha na coordenação a diretora Lourdes Atie. No ano seguinte, a coordenação levou o projeto para Rio Bonito, onde estabeleceu um núcleo. A Ideias Futuras, aos poucos, afastou-se do projeto. O polo ficou sem coordenação e o núcleo era o ponto de referência para o projeto no Rio, com a garra e determinação da professora Fabiana Ronzani. Durante um longo período, Fabiana permaneceu em contato direto com a coordenação nacional para fazer e divulgar suas pesquisas. Em 2011,

o polo ganhou nova coordenação de Katia Edmundo graças à rica parceria com o Centro de Promoção da Saúde (CEDAPS), que atua com formações e pesquisa no âmbito do programa interministerial (Saúde e Educação) Saúde e Prevenção nas Escolas da rede pública. Desde 2000, foram realizadas 36 pesquisas por mais de 700 estudantes envolvidos. O Instituto Paulo Montenegro e a ONG Ação Educativa comemoram a nova parceria com o CEDAPS, que já convidou o pessoal do Bairro Educador, também parceiro do CEDAPS, para compartilhar sua experiência educativa nas comunidades cariocas durante o IX Congresso IBOPE UNESCO.

Para ela, ainda, o maior ganho do Nepso é a abertura para o conhecimento e diálogo que ele promove entre alunos, professores e também na comunidade. “Isso deixou de ser a fala da Fabiana, virou a fala dos professores. O aluno é pouco escutado, nem sempre ele tem espaço para falar. Apesar do discurso, alguns valores que são passados no tempo e os professores nem se dão conta de que estão reproduzindo um modelo que eles mesmos criticam. Mas o Nepso lança esse questionamento e dá essa abertura que faltava, resgata a importância de dar voz ao aluno”, conclui. 





“
LIBRAS não é uma
linguagem, é a língua de
uma comunidade.
”
Gabriele Vieira Neves

Nossa palavra



Nascida em Santos, litoral paulista, Gabriele Vieira Neves, 25, mudou-se para Caxias do Sul quando ainda era adolescente. O pai, Antonio Jorge Portugal Neves, recebeu uma proposta para trabalhar na Cosipa e a família foi toda para o Sul. A mãe, Maria de Fátima Vieira Neves, cuidou dos quatro filhos: Laura, 30, Rodolfo, 28, Marisa, 27, Gabriele, 25 e Natalie, 21. A única que, depois de adulta, ficou em Caxias foi Gabriele. Ela também foi a única que fez curso superior.

Gabriele tem licenciatura em história, pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Durante a faculdade, para conseguir arcar com os estudos, a jovem trabalhou no setor que atende aos alunos com necessidades especiais da própria universidade, como secretária. “Eu consegui a bolsa do Pró-Uni e não

tinha que pagar o curso. Por isso, conseguia fazer mais disciplinas por ano e me formar mais rápido.”

Logo que começou a trabalhar no departamento, sentiu necessidade de aprender a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. Apaixonada pelo novo mundo que se revelava à sua frente, Gabriela mergulhava para entender mais. Explica que a LIBRAS não é uma linguagem, é a língua de uma comunidade – um sistema de códigos que permite aos surdos, através do domínio de seu vocabulário complexo e estrutura particular, a interpretação da realidade. Com os sinais se pode reconhecer, in-

terpretar e expressar o que se pensa. “A LIBRAS é a primeira língua dos surdos e, no Brasil, a língua portuguesa é a segunda”, pontua.

Em 2007, quando chegou o momento de fazer estágio, Gabriele buscou oportunidade na escola estadual para surdos Helen Keller. A instituição leva o nome da escritora e filósofa americana que, mesmo cega e surda, desbravou o mundo e sensibilizou seus leitores – para quem estranhou o uso direto da palavra surdo, a parte importante: para aliviar a falsa ideia de correção política e educação, Gabriele logo explica a forma de tratamento: “o surdo prefere ser chamado de surdo mesmo, não de deficiente auditivo”. Não é a deficiência que está em foco, é o modo de viver e entender a realidade – como Keller defendia, evitar o perigo não é uma opção mais segura, a longo prazo, do que se expor à chance.

Foi em um curso de extensão universitária, em 2008, o “Escola e Pesquisa, um Encontro Possível”, que Gabriele

ouviu falar pela primeira vez do Nepso. O curso foi organizado por Nilda Stecanela, coordenadora do polo gaúcho e pela professora Fernanda Bertoldo. “Já estava quase terminando a faculdade e resolvi fazer a extensão. Eu não tinha muito ideia do que era. Foi um curso que me surpreendeu”.

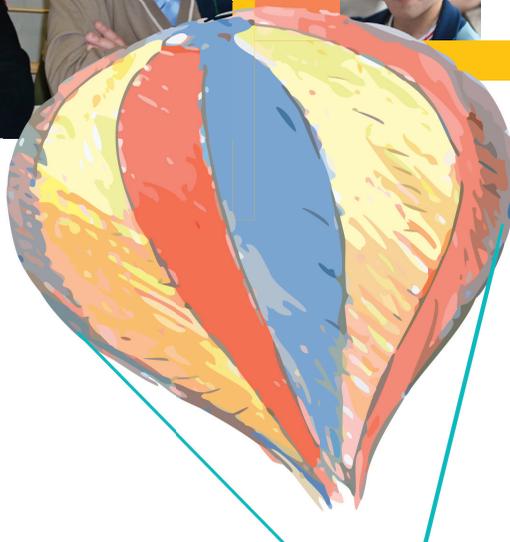
Como Gabriele ainda não tinha um grupo fixo de alunos no estágio e como no curso na UCS ela era a aluna, foi a autora da pesquisa e atuou desde a definição do tema, até na realização das entrevistas e análise dos dados. Sua amostra era feita pelos professores da própria universidade. Sentia que a UCS, como um todo, não estava

preparada para trabalhar com alunos com deficiência. O foco da investigação foi sobre o que os professores achavam da inclusão de pessoas com deficiência na universidade. “Eu tive que produzir algo novo, fazer pesquisa de campo, apresentar. Foi a primeira vez que eu tive contato com a pesquisa dessa forma”, conta.

No final daquele ano, ela se formou pela UCS. Ao mesmo tempo, Arlise, a então professora de história da escola Helen Keller, assumiu a direção da instituição e convidou Gabriele para substituí-la na disciplina de história. Em 2009, empolgada com o resultado da pesquisa feita na UCS, e agora



professora titular de história na Helen Keller, Gabriele resolveu usar o Nepso em sala de aula. “Primeiro eu apresentei como seria o projeto, as etapas que a gente iria passar juntos. Eles tinham que escolher um tema que fizesse parte da realidade deles, alguma coisa da comunidade dos surdos”, conta. Os alunos resolveram pesquisar a relação dos jovens surdos com tecnologia. Qualificaram o tema e começaram a elaborar os questionários. Optaram por questões fechadas, para facilitar na hora de fazer entrevista. “Precisávamos adequar à realidade do surdo; é importante lembrar que ouvir e anotar ao mesmo tempo é difícil, porque para perguntar e ‘ouvir a resposta do outro’ o surdo precisa de contato visual e das mãos para sinalizar, o que impede que ele anote a resposta rapidamente”, explica. Como tinha a dificuldade de fazer perguntas para quem não utiliza a LIBRAS, fizeram as entrevistas dentro do universo da escola, entrevistando os colegas de outras turmas no intervalo. Depois, analisaram os resultados e fizeram um seminário dentro da escola para apresentar o que descobriram. O celular, graças à mensagem de texto, virou ferramenta indispensável. Todos usam muito mensagem instantânea e vídeo pelo computador, a primeira de forma mais rápida e o vídeo porque permite a comunicação por sinais.



“Isso tudo auxiliou na autonomia da comunicação com o surdo.” Redes sociais também têm forte apelo na comunidade. “Todas as tecnologias que estão por aí, os jovens surdos também usam. O celular com mensagem de texto facilitou a comunicação; antes desse recurso dependia-se de outro ouvinte para fazer a ligação”, conta os resultados.

No final daquele ano, os alunos apresentaram os resultados da pesquisa no seminário estadual do Nepso realizado dentro da UCS. “Eles puderam ver também a pesquisa de outras escolas. Sentiram-se parte da comunidade Nepso, trocaram experiências e viram que não eram os únicos fazendo pesquisa na escola. Foi um contato muito interessante!”, conta da alegria deles ao apresentar os resultados da investigação na Helen Keller. “Foi bem importante pra escola ganhar uma projeção fora dos muros da escola.”

Nilda convidou Gabriele para apresentar a pesquisa no Congresso IBOPE UNESCO e escolher um estudante. E lá foram ela e Arthur Fedrizzi, que na época tinha 15 anos. “Era a primeira vez

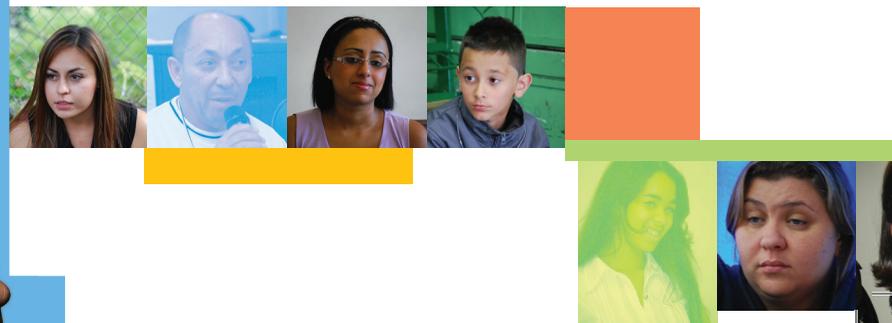
que ele viajava de avião e estava bem ansioso. Quando já estávamos indo, ele me perguntou se teria outros surdos lá. Eu falei para ele que não e na hora fiquei com medo que ele fosse ficar sozinho lá, que não fosse ter ninguém para conversar. Pensei, ai, como vai ser?”, confessa. “Quando a gente chegou a São Paulo, relaxei. Ele começou a fazer amizade muito rápido, conheceu um mexicano e logo se enturmou. Ele não ficou dependente de mim para ser intérprete, ele mesmo se aventurava e ia se comunicar com outros. Vencer a barreira da comunicação e o preconceito foi uma experiência legal para ele e para os outros”, comemora.

Eles levaram um vídeo feito na escola, com os outros alunos. “Esse vídeo foi feito na escola mesmo, porque no lugar de fazer o registro escrito usando o português, fazia mais sentido

fazer o registro visual com eles se comunicando e apresentando a pesquisa em LIBRAS”, conta. Arthur apresentou a pesquisa no palco e deu o relato dele. A professora traduzia para o português, porque o vídeo ainda não tinha legenda. “Como foi feito pelos alunos e para os alunos da Helen Keller, a gente ainda não tinha sentido a necessidade de legendar”, explica.

Se em LIBRAS todo verbo é utilizado no infinitivo, não tem a relação com passado e futuro como na língua portuguesa, o Nepso abre novos caminhos para descobrir a realidade que nos cerca e que podemos perceber. “Foi uma oportunidade de autoconhecimento do grupo. De se valorizarem como grupo, de terem o direito de dar sua opinião e também de conhecerem como eles mesmos vivem”, conta. “Como eles tinham esse envolvimento com tecnologia, comecei a trabalhar nas aulas usando mais tecnologia depois da pesquisa.”

Segundo a professora, o grande ganho com o uso do Nepso foi oferecer uma aula diferente, que desse significado aos alunos, em que eles se envolvessem e participassem da construção



ativamente. Se tem desafio, tem.

Revela, que no início, tinha a insegurança dela também. Será que usar a pesquisa ali daria certo?

Viu que sim. Em 2010, empolgada com seu aprendizado em sala de aula, Gabriele entrou no mestrado em educação. E este ano, 2011, já ingressou como aluna especial no doutorado, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Para fechar com mais uma citação de Helen Keller, "muitas pessoas têm uma ideia errada do que constitui a verdadeira felicidade. A felicidade não é alcançada através da autossatisfação, mas através da lealdade a um sentido de vida que tenha valor". 🌈



Nilda Stecanela
Coordenadora do polo Rio Grande do Sul



Polo Rio Grande do Sul

ros polos multiplicadores do programa, criado em 2001. "Quem me apresentou o Nepso foi o Prof. Nilton Bueno Fischer da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Na época, eu estava participando da pesquisa nacional sobre qualidade da educação, coordenada pela Ação Educativa", diz Nilda Stecanela. Na volta para Caxias, Nilda construiu um planejamento que previa um curso de formação de professores com aspectos teóricos e práticos, culminando no seminário para apresentação dos resultados. Esse curso, "Escola e Pesquisa: um Encontro Possível", é uma das marcas do polo gaúcho até hoje. Faziam parte da equipe dois colegas de linha de pesquisa da UFRGS: Jucemar Weiss, que cursava doutorado sob a orientação do professor Nilton, Carmem Zeli Gil e Nilda, que estavam fazendo mestrado. Para Nilda, o que mais a motivou para participar do Nepso foi a dimensão da formação de professores com uma proposta diferen-

te da convencional:

"Para além de uma formação passiva em que os professores participam de cursos, ouvem, anotam mas voltam para suas escolas e não mudam nada, no Nepso os professores desenvolvem um projeto de pesquisa em conjunto com seus alunos, partilham seu planejamento com a equipe de formadores do polo RS e com os demais participantes, sistematizam seus fazeres e os tornam públicos para, quem sabe, servirem de inspiração para outros", encanta-se. Nesses dez anos, foram feitos mais de 280 projetos de pesquisa envolvendo cerca de 7.400 estudantes.





Quando Rejane estava para completar 7 anos, diretamente de Lagoa de Cozinha, no interior da Paraíba, saiu um pau de arara com destino à rodoviária de Campina Grande. De lá, os Araujo embarcariam no primeiro ônibus para a capital federal. “No ônibus, éramos 33 pessoas, meus avós, tios, primos e irmãos.” A menina vinha da janela observando a paisagem e a distância da saudade. “A última pessoa que vi foi meu avô por parte de pai, João Casado, que ficou.” Foram três dias de viagem. Esse ônibus veio cheio de malas, esperanças, desejos, crianças chorando, cheio de mingau que tinha de ser feito na estrada. Quando estavam quase chegando a Brasília, Rejane teve uma visão: “Estava olhando o céu da cidade, em um ato solitário. Vi aquele objeto voando, imagens coloridas. Não sabia o que era”, continuou maravilhada com as crianças brincando na rua. “Era

lindo, delicado, leve. Eu não conhecia pipa. Como eu não tinha nenhuma referência, fiquei deslumbrada.” E assim começava a nova vida.

Nos anos 1960, Brasília era a capital do sonho, pregava-se que era o lugar da esperança e da modernidade. “Ficamos um tempo na casa de uma prima, mas minha avó logo alugou uma casa grande na Vila Vicentina, em Planaltina. Lá fomos todos, os 33, por um período. Logo em seguida entrei na escola.” Todo o objetivo da mudança da família para a nova cidade era que as novas gerações pudessem ter educação e tivessem um futuro mais tranquilo. Rejane daria o primeiro passo. Tímida e sem jeito, teve uma primeira

Os alunos perceberam a dinâmica da vida política, as relações entre instituições e a necessidade de ação para preservação ambiental.

Rejane Araujo Oliveira

Nosso meio

professora bastante severa. “Depois eu passei para outra escola, numa casa paroquial que adorava.” Houve também um choque cultural. “Todas as minhas referências de mundo, referências rurais, tinham ficado na Paraíba. Todas as coisas que eu conhecia mudaram. Mexeu um pouco comigo.”

O pai, que era agricultor na Paraíba, em Brasília primeiro tentou trabalhar na construção civil, mas não deu certo. Depois, abriu um armazém e tornou-se comerciante. A mãe continuava com a tarefa de cuidar da casa e dos filhos. Quando todos cresceram, passou a trabalhar com o marido na loja da família. “Ela é uma mulher muito interessante, porque praticamente não teve estudo, fez só até a segunda série, e por isso valorizava demais a educação”. Maria dos Anjos, a mãe de Rejane, sempre quis dar exemplo sendo uma leitora voraz. Ela lê em média um livro por semana. Fazia também palavras cruzadas para aprender a escrever corretamente e melhorar o vocabulário. “Essa semana ela está lendo Agatha Christie. Volta e meia está com livros espirituais, apesar de não ser. Falou muito sobre os *Anarquistas Graças a Deus*, de Zelia Gattai, a mulher de Jorge Amado”. O livro de memórias de Gattai conta a saga de sua família que se mudou da Itália para o Brasil em busca de seus

Secretaria de Educação do Distrito Federal e foi contratada como professora da rede pública. Aos 29 anos, casou-se novamente, com o sindicalista Batista Filho, com quem está há 22 anos. Desse amor, teve outros dois filhos, Felipe Andre e Luiza. “Em 1989 comecei a lecionar, tinha acabado de nascer minha filha. Eu tinha até direito a licença maternidade, mas nem quis usar, eu queria muito lecionar.”

Sempre deu aula na mesma escola, no Centro Fundamental IV de Planaltina. São mais de 20 anos de profissão. “Às vezes, a gente encontra na escola um aluno que vem da zona rural e não leva em consideração todas essas mudanças que mexem com o emocional, a gente tem que se adaptar a um mundo totalmente novo”.

Em 2004, o programa entrou para essa história. Muna e Isabel, duas educadoras ambientais da Estação Ecológica das Águas Emendadas junto com a SEMARH (Secretaria do Meio Ambiente e Recursos Hídricos), promoveram o curso de Reeditor Ambiental em parceria com o Nepso e a WWF, na escola onde ela trabalhava. “Era um projeto multiplicador dentro da escola e seria usado para educação sobre o meio ambiente. A metodologia permitia que trabalhássemos de forma sistemática”, conta. Rejane estava entre os quatro professores que se encantaram com o projeto, ao lado de Isabel, de artes cênicas, Mariana e Alcimar, de geografia. Depois de fazer o curso de formação, a professora resolveu experimentar. O primeiro projeto foi sobre o parque.

sonhos. Dá para entender o motivo da admiração.

Quando Rejane terminou o segundo grau, a primeira a realizar o sonho da família, prestou uma prova para um curso de auxiliar de enfermagem do governo e passou. Apesar de os pais proverem tudo, Rejane não queria depender deles por muito tempo. “Comecei a trabalhar e demorei dois anos para começar a faculdade. Eu via todos meus irmãos e primos indo pra escola e não fazer mais parte dessa rotina era estranho.” Apesar de tirar de letra a área da saúde, começou a sentir que aquele não era seu caminho. “Querida desenvolver um trabalho intelectual, algo mais criativo.” Foi assim que Rejane começou a cursar licenciatura em artes na Faculdade de Artes Dulcina de Moraes. Casou-se com 21 anos e um ano depois teve seu primeiro filho, Gustavo. O casamento durou quatro anos. Rejane começou a lecionar nos estágios da faculdade. Passou no concurso da



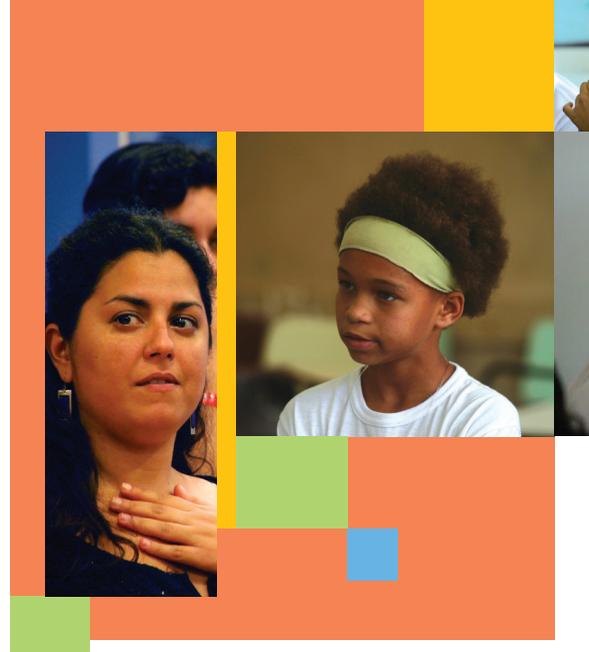


“Nós pesquisamos a comunidade para saber qual a relação que os moradores tinham com a Estação Ecológica de Águas Emendadas e se eles a conheciam. Fizemos a pesquisa de opinião, uma peça de teatro, um livro de poemas”, conta como o projeto teve vários desdobramentos.

A questão ambiental pedia atenção. Em 2005, empolgados ainda com as descobertas do projeto anterior, resolveram investigar o Parque Recreativo Sucupira. “É uma área protegida pelo Estado, mas, de fato, abandonada pelo poder público. Isso tem impossibilitado a comunidade de se apropriar do espaço”, explica. No projeto, Rejane conseguiu a participação de outros professores: de matemática, geografia, história, português e inglês. “O professor de inglês, por exemplo, estudou áreas de proteção dos países que falavam a língua inglesa e como as pessoas se relacionavam com esse espaço lá”, conta. A participação dos alunos e da comunidade só crescia. “Quando a gente saía a campo para fazer a pesquisa a

gente percebia que aquilo que a gente pensava não correspondia à realidade.”

Em 2006, eles ampliaram as parcerias com a Universidade de Brasília (UnB) e a Rádio Utopia (98,1 FM). “Fizemos a produção de textos, poemas, de materiais de artes visuais e até uma peça de teatro sobre as Memórias do Cerrado”, anima-se. Empolgados com os desdobramentos das ações, começaram a cobrar o poder público e mobilizar a comunidade. “O envolvimento das pessoas foi num crescente. Fizemos manifestações, apresentamos a peça em vários lugares de Brasília. Foi muito interessante porque constatamos que poucas pessoas conheciam o parque.” Os alunos começaram a divulgar na rádio os resultados da pesquisa. No ano seguinte, Rejane começou um curso de especialização na UnB sobre arte, educação e tecnologias contemporâneas. Para o trabalho final, a professora estabeleceu um *link* com o Nepso e os projetos na área de educação ambiental: Lixo, Possibilidades Estéticas e Reflexivas. “Usamos a pesquisa de



opinião dentro e fora escola, levamos representantes de cooperativas de catadores de lixo, o pessoal que trabalha com reciclagem”, conta.

A questão do lixo entrava em foco. Ainda mais porque o lixo estava presente em uma área supostamente protegida pelo Estado. “A comunidade não entende o que é um parque ecológico se ele está totalmente abandonado. Começamos a divulgar cada vez mais o parque, que, além da nossa parte em preservação ambiental, pode ser e é um espaço interessante”, explica. Os alunos fizeram novas séries radiofônicas sobre o parque e sobre as novas pesquisas, para aumentar a visibilidade.

“Em 2012 Continuamos a falar sobre o Parque Sucupira. A UnB tem um novo *campus* aqui em Planaltina que fica ao lado dessa área de proteção ambiental, tornando-se responsável também por ela”, defende.

Para Rejane, graças à parceria com a Estação das Águas Emendadas e ao uso da pesquisa de opinião, eles conseguiram fortalecer o trabalho de educação ambiental dentro da escola. “A pesquisa tornou os estudantes muito ativos na defesa do parque, educando para a cidadania. Eles perceberam a importância da participação deles.”





O Parque Recreativo Sucupira foi criado em 96 junto com diversos parques de Brasília, mas segundo a professora tudo ficou só no papel. “Não tem infraestrutura nenhuma. Não só da preservação da área em si, mas também não tem área de lazer. Por exemplo, a caminhada que o pessoal faz, eles caminham numa pista próxima ao parque. Por que eles não caminham dentro do parque?”, indigna-se.

A voz dos alunos foi capaz de sensibilizar a comunidade e trazer novas parcerias. “Na divulgação dos dados na Rádio, poemas ou peças de teatro, a gente tentou sensibilizar o público”, conta. Os alunos perceberam a dinâmica da vida política, as relações entre instituições e a necessidade de ação para preservação ambiental. “A matéria estava ali, com seus problemas, e a gente podia buscar soluções. A interação com a Estação, com a Universidade e com a Rádio ajudou na formação cidadã desses alunos.” Com a esperança de um futuro mais responsável, um caminho mais verde, a professora continua sua missão. 🎈

Núcleo Distrito Federal

Estabelecido em 2005 graças a uma parceria com a WWF Brasil e a Estação Ecológica de Águas Emendadas, o Nepso vem sendo usado como ferramenta pedagógica com o foco exclusivo em educação ambiental em Planaltina. Nesses seis anos, foram realizados 33 projetos envolvendo cerca de 1.050 alunos. “Começamos a trabalhar com a metodologia para o grupo de professores da educação ambiental e o resultado tem sido muito bom. Antes do Nepso, trabalhávamos e não víamos a participação dos alunos. Era algo que nos angustiava muito. O professor fazia uma monografia e entregava para a gente, mas nós não ficávamos satisfeitas porque ele terminava o curso, nós certificávamos o professor em educação ambiental, ele fazia um projeto bonito, mas não víamos os alunos e

nem resultados concretos. Hoje e com o Nepso, o professor desenvolve a pesquisa de opinião ao longo da formação em educação ambiental. Quando termina um projeto, os resultados são apresentados pelos alunos.

“Para a gente isto é uma coisa fantástica”, conta Maria Izabel Magalhães, uma das coordenadoras do núcleo. “O que se quer na educação ambiental é que as pessoas tenham uma atitude e que a metodologia provoque uma intervenção também. Vimos o aluno no processo! Tem sido bom também conhecer as pessoas do Nepso, isto reforçou a minha crença sobre as pessoas fazerem algo na educação”, completa Muna Ahmad Yousef, também responsável pela coordenação do Nepso no Distrito Federal.

Maria Izabel Magalhães e Muna Ahmad Yousef
Coordenadoras do núcleo Distrito Federal





Thaís Bernardes, 33 anos, adora andar de bicicleta. De sua casa até o trabalho no centro de São Paulo, na ONG Ação Educativa, onde é coordenadora do polo paulista do projeto Nossa Escola Pesquisa Sua Opinião, são quase 50 minutos de pedalada. Apesar do desrespeito generalizado aos ciclistas, dos incontáveis buracos no asfalto, da poluição dos escapamentos, da pressa desesperada de alguns motoristas e da inexistência de uma ciclovia, Thaís encara o desafio. A educadora respira fundo, vê longe e apresenta uma alternativa sustentável ao trânsito inviável. “É possível!” Entre uma pedalada e outra, a sorridente morena encontra espaço interno para meditar sobre a vida e pensar sobre os caminhos da educação.

Thaís nasceu em São Paulo, capital.

Quando tinha 3 anos, sua família se mudou para uma casa no meio do mato, na região de Cotia, a 30 km da cidade. Naquela época ainda não havia os condomínios fechados da Granja Viana e seus projetos arquitetônicos organizados em quadras estéreis. Imagina, morar em Cotia era bem mais descolado que isso! Em uma rua de terra batida, a pequena Thaís cresceu numa casa com quintal frequentado

Em tudo na vida, você vê como se aprofundar e buscar mais.

Thaís Bernardes

Nossa transformação

por tucanos e esquilos, visitantes pouco comuns na grande metrópole. “Por que disso, daquilo, daquele outro?” Filha de psicólogos, o questionamento e a busca por respostas fazia parte de seu dia a dia. O irmão mais novo seguiu a carreira dos pais. Thaís quis satisfazer dúvidas menos existenciais. Primeiro cursou dois anos de sociologia na Universidade de São Paulo. Tentava entender a dinâmica da sociedade e da prática cidadã. Apesar de adorar o curso, resolveu começar tudo outra vez e mudou para pedagogia. Esse era seu chamamento, sua vocação. Uma vez graduada, iniciou o mestrado com um projeto sobre sociologia da educação, o cruzamento bonito de suas duas paixões.

Nos idos de 2004, quando estava no terceiro ano de pedagogia, o Nepso apareceu em seu horizonte. A orientadora de seu projeto de iniciação científica soube que Marilse Araujo, a coordenadora nacional do programa, estava em busca de uma estagiária. Thaís tinha 26 anos e sensibilidade para perceber que o Nepso era uma ferramenta diferente “Quando entendi como funcionava achei tudo tão bacana”, lembra. “De repente, me deparei com um monte de gente que acreditava na transformação do ensino,

aprendido mais nessa vivência durante o estágio que na faculdade”, conta. Um ano e meio depois de trabalhar como estagiária, surgiu a oportunidade de ser efetivada. Começou a assessorar Marilse na coordenação nacional e tomar rédeas do polo paulista.

Cada vez mais comprometida com o ideal da educação, Thaís agora crescia com uma visão mais ampla sobre o potencial transformador que vinha da emancipação dos alunos e também dos professores. Descobria um interesse verdadeiro e profundo sobre a realidade concreta das escolas e das comunidades. Ouvia o silêncio da escola, esse grito seco e mudo, e lançava novas perguntas aos atores em cena. Tomada. Ação.

Estágios mal estruturados, salários baixos, três turnos, turmas em diferentes escolas, falta de material, superlotação em sala de aula, conteúdo desconectado da realidade, raras oportunidades

para trocar experiências com colegas professores, para conhecer os alunos com calma. “Uma coisa que sempre me despertou o interesse é essa solidão da escola. A escola é um lugar que tem muita gente, mas ninguém se sente escutado.”

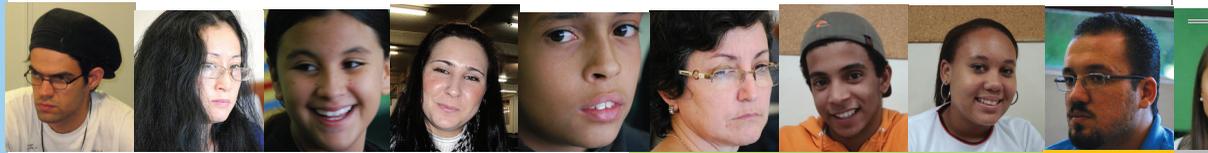
Com o corre-corre, poucos realmente encontram tempo dedicado para ouvir e entender. A situação é ainda mais difícil para quem está começando. “Os professores em estágio chegam às salas de aula sem saber o que estão fazendo ali. Daí a escola não tem estrutura para guiar, eles têm pouco tempo para refletir sobre o próprio aprendizado e para crescer profissionalmente.”

O que mais chamava atenção de Thaís era ver um professor com uma rotina dessas encontrar forças para sair de sua casa num sábado para participar de um encontro do Nepso. “Como ele achava disposição para vir aqui? É porque aqui sua fala é escutada e tem eco.

na formação de cidadãos críticos e participativos. Gente que sabia que podia ser de outra maneira. Você percebe que tem muitos professores incomodados com a situação da escola.”

Em poucos dias, Thaís já estava mergulhada no projeto. “Marilse tem essa característica de colocar a gente para trabalhar de verdade e refletir sobre o que está fazendo”, conta. E Thaís pôs a mão na massa, ajudava Marilse nas oficinas iniciais em São Paulo, nas assessorias mensais de acompanhamento, acompanhava o projeto nas escolas, dava ouvidos para alunos e professores, saía com os pesquisadores para conhecer as comunidades, organizava e produzia seminários locais de qualificação do tema e apresentação de projetos, participava de reuniões em diretorias de ensino. “Eu sinto que o melhor momento do trabalho é estar com os professores. Esse é meu barato.” Dentro da rede, Thaís materializava aquilo que aprendia na teoria. “Talvez tenha





Conversa-se sobre novos caminhos e novas práticas. Uma rede de pessoas verdadeiramente interessadas em compartilhar essa inquietude, essa vontade de encontrar possibilidades para uma educação que signifique e transforme. Esse espaço que na escola não se tem mais, mas na rede começa a existir.” O Nepso vinha para romper com esse silêncio e isolamento, como se a pergunta primeira fosse: como podemos estar todos juntos e tão sozinhos, sem ouvir uns aos outros? O programa de pesquisar o outro sobre temas de relevância prática lançava o convite para participar de um movimento que transcendia a própria pesquisa, mas incluía na reflexão sobre a possibilidade de construção coletiva do conhecimento a partir de uma realidade concreta. O espiral de silêncio começava a se desfazer com o projeto. O outro ganhava importância porque ele passava a ser reflexo de cada um. “A gente se reúne para motivar a troca e aprofun-

dar os desdobramentos em busca do conhecimento. Isso serve tanto para redescobrir a escola como janela para aprender soluções novas.” Ao escutar as experiências dos professores e alunos, o projeto abre um diálogo que estava engavetado e descortina um horizonte de possibilidades. O processo de pesquisar pede por abertura para buscar respostas em todos os lugares, dos mais convencionais aos mais inusitados, de explorar caminhos. Mais que encontrar a solução certa, o Nepso acredita no caminho necessário para qualquer aprendizado e aposta na ferramenta para aprender a aprender: “Professores novos na metodologia sentem dificuldade inicial para ouvir o outro, legitimar o interesse do outro, porque na escola as coisas não são feitas dessa forma. Aos poucos, eles se empolgam em descobrir que dá pra ensinar de outra forma”. Enquanto o professor repensa sobre sua prática pedagógica durante a pesquisa, o alu-

no resgata o interesse pela descoberta coletiva e do desconhecido que mora ao lado. A pesquisa proporciona uma escola que ensina através de temas que possam ter valor na vida real.

Se, para Thaís, hoje é difícil separar a relação que tem com educação daquela que vivência no projeto, é porque ela mesma tem se transformado na rede: “Muitas coisas que acredito hoje em dia aprendi dentro da rede”.

O impacto das pesquisas realizadas ultrapassa o muro das escolas, revela o espaço onde os alunos e professores vivem e rerepresentam esse espaço como uma grande sala de aula. É uma oportunidade para aprender temas e para entender o valor da cidadania. “A escola se posiciona como parte da comunidade, os alunos pesquisam e têm interesse em ouvir as pessoas dali, vontade de entender e olhar de uma outra forma pra isso”. A partir desse contato, a pesquisa traz outros desdobramentos. “Os alunos e professores começam a traçar planos de ação, propondo sozinhos ações futuras da



escola com a comunidade." A pesquisa proporciona além do diálogo, perspectiva para ver que as realidades não são estanques, que tudo é parte integrante da vida.

A metodologia do Nepso, além de ser muito flexível e oferecer múltiplas oportunidades de práticas inovadoras, tem um componente que potencializa e valoriza o trabalho do professor: a rede. "A ideia de ser ter um grupo para discussão e trocas fortalece a prática docente e tem nos mostrado que isso "empodera" professoras e professores no seu fazer cotidiano na escola. Temos assistido a recuperação a dimensão intelectual, autoral e coletiva do trabalho docente, a resignificação desse ofício e a constituição das relações no interior da escola" Thais explica como vê o trabalho desenvolvido pelo polo SP. 

Ação Educativa

A Ação Educativa, Assessoria, Pesquisa e Informação é uma associação civil sem fins lucrativos fundada em 1994. Sua missão é promover direitos educativo, culturais e da juventude, tendo em vista a justiça social, a democracia participativa e o desenvolvimento sustentável. Para tanto, realiza atividades de formação e apoio a grupos de educadores, jovens e agentes culturais. Integra campanhas e outras ações coletivas que visam à realização desses direitos, no nível local, nacional e internacional. Desenvolve pesquisas, divulga informações e análises enfocando as políticas públicas na perspectiva dos direitos humanos e da igualdade étnico-racial e de gênero.

Marilse Araujo
Coordenadora geral do programa Nepso

Entre seus vários programas está o Ação na Escola, que tem como objetivo promover a participação dos profissionais da educação, além de pais e estudantes, no desenvolvimento de projetos pedagógicos, na discussão e na proposição de políticas que contribuam com a qualidade da educação oferecida nas redes públicas de ensino. Para isso, o Ação na Escola desenvolve atualmente três projetos, entre eles o Nepso, que, além da Thais, conta com a coordenação geral da Marilse Araujo, a assessora Leila Andrade e Renato Nascimento, que coordena a Multipaís.



Setembro, Congresso IBOPE UNESCO, 2011. As duas meninas, Clayder e Camila, correm de lá pra cá, entre atividades, apresentações e trabalhos de grupo. Estão em Bertioga, no litoral norte do estado de São Paulo, Brasil, representando o polo Colômbia com a pesquisa Multipaís. Encantadoras, elas trocam experiências com os colegas de pesquisa do Rio Grande do Sul. Seguem o dia conquistando novos amigos com simpatia e alegria. Clayder Andrea Duarte tem 16 anos e quer estudar moda quando terminar a escola. Nascida em Medellín, registrada em Antióquia, a pequena morou a vida toda em Subachoque. Ela vive com a mãe e com o irmão mais novo. A mãe nunca estudou, mas aprendeu a ler sozinha. Clayder adora estudar e escutar música. Frequenta também a Igreja Pentecostal. A mãe trabalha em uma empresa de flores. O pai morreu quando Clayder tinha somente 2 anos.

“Minha mãe me criou sozinha. Meu irmão mais novo tem 8 anos e está no segundo ano primário”. Maria Camila Bonilla Alarcon tem a mesma idade de Clayder e quer estudar contabilidade. Nasceu em Subachoque, perto de Bogotá. Vive com os pais, o taxista Juan Carlos e a costureira Alzira, além de seus irmãos mais novos: Juan Carlos, 10, e Mário, 6. Camila também adora estudar e escutar música. Gosta de dançar, jogar xadrez, da cor fúcsia e de saias. Como a amiga, tem religião, mas diferente: é testemunha de Jeová. As duas não se desgrudam. “Somos um grupo de sete melhores amigas. Nós estudamos de manhã e passamos quase todo o dia juntas, fazendo as tarefas

Investigamos assuntos de que gostamos e nos interessa saber de outros lugares, de outros jovens, como pensam os jovens e como defendem o próprio ponto de vista.

Clayder Andrea Duarte

É fácil saber o que se quer das demais pessoas, mas é difícil colocar de uma forma para quem pensem, para que entendam o mesmo que eu.

Maria Camila Bonilla Alarcon

Nossas meninas

que são de grupo. No sábado, não estudamos, mas, às vezes, nos encontramos também”, fala Camila. As outras cinco chicas estão acompanhando tudo por e-mail, quando as colegas correm para a sala com Internet no clube SESC para contar as novidades.

Elas estão aqui para contar a experiência de quatro anos fazendo pesquisa de opinião na escola e nas ruas de Bogotá. Mas como tudo começou? “A primeira vez que ouvimos sobre este projeto de pesquisa de opinião estávamos na aula de espanhol na escola, com a Profª Selmira. Ela já veio aos congressos!”, conta Clayder. A professora apresentou Catalina, que é coordenadora do polo colombiano. “Começamos a trabalhar em grupos e propusemos um tema. Outros deram temas diversos e cada um passou a explicar por que queria esse tema, a defendê-lo, explicá-lo.

E então escolhemos um dos temas, proposto por um dos companheiros, o Felipe: subculturas urbanas”, vai contando.

Elas começaram a fazer projetos de pesquisa no início de 2008 e desde lá já fizeram quatro pesquisas. No primeiro ano o tema foi sobre as subculturas urbanas, no ano seguinte, sobre internet e redes sociais, ambos os projetos realizados em Subachoque. No terceiro e quarto anos, o grupo teve interesse em participar do novo desafio de fazer uma mesma pesquisa em dois polos diferentes, a Multipaís. Em 2010, fala-

trabalhar todos os temas que saíram. Foi muito difícil fazer que o tema de maus-tratos aos animais se encaixasse nos temas que havíamos proposto. O tema que melhor ficou foi o tema de *problemáticas juvenis*", conta. Para Camila, a parte mais desafiadora foi elaborar os questionários com perguntas claras e reveladoras. "É fácil saber o que se quer das demais pessoas, mas é difícil colocar de uma forma para que pensem, para que entendam o mesmo que eu", explica. "É difícil fazer o questionário, que perguntas colocar, senão, vamos ter muitas respostas. Se as fazemos abertas, podem sair muitas opções. Para que a pergunta seja compacta tem que ter muito bem pensado o que vai dizer. Também é difícil escolher o tema, mas considero que é mais

difícil fazer as perguntas", contrasta seu ponto de vista com o da amiga.

O contraste entre as realidades dos jovens da região onde vivem com a dos brasileiros que moram no Sul lhes pareceu fascinante. Elas listam as semelhanças e as diferenças dos jovens. "Nós investigamos o assunto drogas de um lado e eles de outro lado. É possível ver e comparar os diferentes pontos de vista dos jovens de cá e lá. A gente pensa, em uma investigação, que nenhuma pessoa vai responder a uma das alternativas, mas muitas vezes é a resposta que mais encontramos", conta Camila.

Já Clayder acha que foi importante conhecer e distinguir os pensamentos dos demais jovens. "Tivemos de interagir com outros jovens, podem ser nos-

ram sobre culturas ibero-americanas com São Paulo e, agora, com o polo gaúcho, sobre problemáticas juvenis da sociedade, como suicídio, solidão, as drogas, depressão.

O que Clayder mais gosta na pesquisa é poder estudar um tema que eles próprios escolheram: "Investigamos assuntos de que gostamos e nos interessa saber de outros lugares, de outros jovens, como pensam os jovens e como defendem o próprio ponto de vista".

Por isso, para Clayder, a parte mais difícil da pesquisa é quando eles vão escolher o tema com todos os outros colegas. "Neste ano, tínhamos que nos colocar de acordo com outras escolas de Subachoque e de Madrid, município vizinho. Estávamos buscando um tema que englobasse a todos os outros que estávamos propondo e que eram suicídio, drogas, subculturas urbanas, solidão... Havia um grupo que estava defendendo o tema dos maus-tratos contra animais. Tínhamos que nos pôr de acordo sobre um tema que pudesse





sos companheiros daqui, que muitas vezes estão por perto, mas a gente não se fala muito. Também visitamos outros colégios e eles nos visitaram. Quando a gente faz uma pesquisa Multipaís, podemos ainda conversar por meio do blog com os que estão longe”, explica. Nenhuma das duas tem computador, no entanto. Todas as participações no blog internacional do Nepso fizeram de um cyber café, perto da casa delas. Camila se empolga em ver toda a turma, mesmo à distância, empenhada em atingir um objetivo. “Às vezes, há jovens muito distraídos e dispersos mas, na hora de trabalhar, gostam e se motivam! Fora que você faz novos amigos!”, conta. “Na Multipaís, por serem distintos países, não falamos o mesmo idioma, vivemos em lugares e com costumes, climas diferentes mas todos somos como irmãos. A gente se apega e acontece uma amizade entre duas pessoas que não se conhecem e acabam se aproximando por uma pergunta, por um tema de pesquisa.”

Para Clayder, a pesquisa sobre as culturas urbanas que fez no município abriu seu olhar para coisas em que não reparava. “Começamos a ver pessoas chegando com estas culturas e subculturas. Chegam a Subachoque e a outros lugares pequenos, onde os jovens não têm malícia nem nada e acabavam se influenciando, queriam estas modas. Então queríamos investigar muito bem, a fundo, como eram estas pessoas e fazer os jovens do município conhecê-las melhor”, conta. Camila interrompe para concordar com a amiga: “Havia muitos emos, punks, metaleiros e eles mesmos nem sabiam o que era isso. Era engraçado ver isso: ah! minha cultura é isso, oh!”

Na pesquisa de 2009 sobre internet, conectaram-se: “Queríamos aprender a trabalhar melhor com as redes sociais. E queríamos ver todos os companheiros e jovens de outras escolas, queríamos saber se sabiam trabalhar bem com as redes sociais ou não”. Superconectadas, as duas usam Skype, Facebook,

Twitter, Messenger e Sonico.

Já a Multipaís foi diferente, porque revelou a semelhança com o estrangeiro. “No ano passado, por ser Multipaís, podíamos compartilhar mais coisas sobre as culturas, a música do Brasil e da Colômbia, as comidas típicas, os lugares típicos, os jovens – em que nos parecíamos ou não. Foi bom investigar e falar com outras escolas!”, empolga-se Camila. No blog, apesar de não ter tradução e ser um amálgama de línguas e estilos, a comunicação flui bem. “Um pode colocar algo no mural e podem ler ali que eu sou do Nepso. Temos amigos do blog e Facebook. É fácil trabalhar, subimos muitas fotos, acompanhamos o que estão fazendo. Vemos vídeos e gravações de voz. Faz falta um chat no blog para saber quem está conectado para poder falar”, diz Camila. Quando uma colega tem dificuldade para usar o computador, a turma ensina e todos se ajudam como podem.

Na pesquisa anterior, foram nove pesquisadores: quatro colombianos e cinco brasileiros. Os questionários foram feitos entre dois municípios da Colômbia, em Madrid e Subachoque. “Usamos perguntas fechadas. Uma vez as fizemos abertas, perguntando que



tipos de músicas gostavam. Saíram 105 tipos de musica. Não dava para tabular. Era para saber os gostos do Brasil e de Colômbia sobre música", conta Clayder.

Com o questionário pronto, saíram para fazer entrevistas. Selecionaram uma amostra pequena. No piloto, entrevistaram 20 pessoas. Para a pesquisa oficial, fizeram 50 entrevistas na Colômbia e 50 no Brasil, com jovens de 14 a 25 anos.

Elas não sabiam que viriam ao Brasil, nem Catalina sabia, segundo elas, quantas pessoas seriam convidadas. Estão adorando. "Nós conhecíamos nossos colegas do Sul por fotos no blog, mas não sabíamos como eram de verdade. Ah! São mais gordinhos, mais magrinhos?", ri.

Este ano, ainda vão terminar o projeto quando voltarem para casa. "Estamos fazendo o questionário com Rio Grande do Sul. Já definimos o tema: problemáticas juvenis na sociedade. Agora os dois polos vão propor as perguntas do questionário para depois tirar só um questionário e aplicá-lo ao Brasil e à Colômbia". Depois da entrevista, as duas precisam ir para outra atividade novamente. É hora do jantar e ainda nem tomaram banho. Depois do jantar, tem o encontro com os colegas. Despedem-se com um sorriso. As *chicas* voam como borboletas e continuam a encantar a todos no congresso. 🦋



Catalina Turbay
Coordenadora do polo Colômbia

Polo Colômbia

Com quatro anos desde sua fundação, o polo Colômbia já promoveu a participação de cerca de 2.500 estudantes pesquisadores na realização de quase 40 projetos de pesquisa de opinião. Com a coordenação da psicoeducadora e analista social Catalina Turbay, o polo conta também com o forte apoio do IBOPE Media Colombia. "É importante destacar a relação com o escritório do IBOPE que faz oficinas com os professores, dá assistência nas férias", lista Catalina. No momento, a coordenadora está focada em levar o projeto para a região da Antioquia, onde vê a possibilidade de parceria com a universidade e com algumas ONGs nacionais e internacionais. "O objetivo é permitir outros panoramas, o que vai significar que pouco a pouco haja uma mudança no meu papel, com foco mais estra-

tégico." Em outro momento, fizeram contato com a Secretaria de Cundinamarca, através da Fundação Restrepo. "Foi assim que chegamos ao município Subachoque. Lá, a Prefeitura e o Secretário de Desenvolvimento Social tinham como foco a educação em seu plano de desenvolvimento municipal. Entramos em contato e a pessoa que nos disse: Pronto, venham já! Foi assim que começamos a trabalhar com cinco escolas públicas da região", comemora. **Para a educadora, o que mais encanta no projeto é o vínculo que promove entre o jovem, a educação e sua realidade: "O projeto permite que o conteúdo explorado seja pertinente e, por isso, mais relevante desde o ponto de vista social até o das próprias aprendizagens." O polo colombiano é também responsável pela coordenação do polo Multipaíses do Nepso.**





Renato Nascimento
Coordenador do polo Multipaís

Polo Multipaís

Catalina se desdobra em mil para dar conta de tantas atividades. Para coordenar o polo Multipaís agradece o apoio do articulador e educador Renato Nascimento, da ONG Ação Educativa. Renatinho, como é carinhosamente conhecido, já trabalhava no Nepso apoiando a coordenação nacional do programa ao lado de Marilise há anos. Além de educador, Renato também é ator e desempenha com graça e força o papel de comunicador à distância nessa rede sem fronteiras. "Como o Nepso está espalhado em vários estados e países, a possibilidade de você participar de um projeto com uma metodologia em comum e realidades educacionais muito específicas é algo muito rico."

O sonho da pesquisa internacional foi levantado durante o I Simpósio Internacional IBOPE UNESCO em 2008, no Chile, que reuniu os coordenadores dos polos, professores formadores e especialistas do Nepso. O encontro tinha por objetivo discutir inovação pedagógica e pensar em desdobramentos para o Nepso. Um grupo de discussão levantou a possibilidade da primeira

pesquisa Multipaís como forma de estimular a interação entre alunos de diferentes polos. "Havia a vontade de deixar mais claro para estudantes e professores, especialmente os que não estão próximos das coordenações, que eles fazem parte de uma rede, que o Nepso não é só a metodologia em sala de aula. Até então, estas pessoas só se encontravam nesta rede, no congresso", conta Renatinho.

Um grande desafio do Multipaís é promover a comunicação entre os polos com sucesso. Inicialmente, o Instituto Paulo Montenegro criou um blog gratuito no wordpress (Nepsomultipais.wordpress.com) para organizar os grupos e etapas da pesquisa. O blog bilíngue tinha como finalidade ser um espaço aberto para se conversar sobre a pesquisa. O problema é que, sem querer, ficou uma conversa muito centrada nos coordenadores. Os alunos ficaram tímidos para falar. Em 2009, o Instituto Paulo Montenegro e a Ação Educativa ajudaram a criar uma rede social fechada usando o Ning. A rede foi bastante usada, mas ainda somente durante o desenvolvimento das pesquisas.



Nepso: UMA HISTÓRIA DE SUCESSO

O Nepso inicia sua jornada com um objetivo claro e inovador: promover o uso pedagógico da pesquisa de opinião na rede pública de ensino, adaptando esse instrumento à situação da sala de aula. Sustentado em um conjunto coerente de princípios, privilegia o aluno como autor de seu próprio aprendizado. Com o Nepso, o IBOPE leva ao universo escolar o acesso, uso e conhecimento da pesquisa de opinião, ressignificando, democratizando e colocando-a em lugares aonde dificilmente chegaria, não fosse por esta iniciativa. Dez anos depois, pode-se constatar que foi uma aposta bem-sucedida: está comprovado o potencial de transformação da pesquisa como instrumento pedagógico a serviço da melhora da qualidade de ensino na escola pública, com impactos positivos em alunos e professores.

BENEFÍCIOS PARA O PROFESSOR

- Promove a valorização, o reconhecimento e a diferenciação do professor na escola
- Torna a aula mais interessante, motivadora e instigante
- Possibilita realizar trabalho interdisciplinar e por projeto, incidindo na organização curricular
- Oportuniza o aprofundamento de uma temática curricular e/ou assunto de interesse da comunidade escolar
- Investe na formação do professor
- Amplia o conhecimento do professor a partir das próprias pesquisas realizadas e dos questionamentos dos alunos sobre os temas trabalhados
- Viabiliza a inserção numa rede internacional de discussão da própria prática

BENEFÍCIOS PARA O ALUNO

- Incentiva a autonomia e a iniciativa do aluno
- Motiva e mobiliza para o processo de aprendizagem que parte de interesses do grupo
- Facilita a assimilação de conteúdo através da sua efetiva participação
- Desenvolve competências e habilidades específicas, sobretudo em português e matemática
- Estimula a capacidade de comunicação
- Exercita a disponibilidade para a escuta e para acatar a diversidade de pontos de vista
- Colabora para a construção de valores
- Propicia a inserção em uma rede internacional que amplia horizontes e promove o sentido de pertencimento

INDICADORES DE SUCESSO

- A consolidação dos polos e núcleos nacionais, a internacionalização do projeto – hoje em três continentes – e a consequente diversidade cultural, geográfica e capilaridade alcançadas
- A abrangência de níveis de ensino e a incursão em novas modalidades de Educação
- As parcerias construídas com instituições reconhecidas: universidades, SMEDs, ONGs
- A metodologia cortejada e prestigiada no mundo acadêmico
- O número de pesquisas realizadas, professores, escolas e alunos envolvidos



O Nepso nasce com um modelo consistente de implantação ao contemplar todas as etapas necessárias para o desenvolvimento da pesquisa, indo da apresentação do projeto a potenciais interessados, passando por um rico processo de formação dos docentes envolvidos e culminando na exposição das pesquisas nos seminários locais e no congresso internacional. O projeto acerta ao fundamentar-se na parceria entre dois atores cujos saberes e expertises complementares têm sido essenciais para o desenvolvimento do Nepso: o Instituto Paulo Montenegro/IBOPE que, além do aporte financeiro, tem importante tradição em pesquisas de opinião, e a Ação Educativa, com reconhecida atuação e prestígio na área

da educação. Este casamento bem-sucedido é responsável pela viabilização e animação da rede Nepso. Outro fator de êxito são as parcerias com ONGs e universidades – vitais para a existência do Nepso – que atuam como facilitadoras dos processos de expansão dos polos através de articulações com SMEDs e outras instituições de ensino. As alianças com universidades contribuem de forma decisiva para conferir ao projeto prestígio e legitimidade, colocando a metodologia em outro patamar: hoje, o Nepso é incluído como disciplina em cursos de graduação, licenciatura e pós-graduação, adquirindo status de disciplina acadêmica. É nos polos que a vida do Nepso acon-

tece: são eles o coração do projeto, onde tudo se materializa, respeitando o princípio da diversidade. Funcionam como incubadoras das potencialidades do projeto, verdadeiros laboratórios de inovação que se apropriam da ferramenta e vão adaptando a metodologia às diferentes vocações de seus territórios de atuação. Para dar conta das múltiplas questões levantadas pelos polos, sobretudo no que se refere à expansão e crescente complexidade, o Nepso foi naturalmente inventando soluções, rompendo e criando paradigmas ao longo destes dez anos. Assim, ao traçar sua própria trajetória, mostrou que não tem e nem pode ter um só caminho: pluralidade e abertura a oportunidades são marcas da identidade do projeto que devem ser mantidas.





FATORES DE SUCESSO

- Flexibilidade da coordenação
- Adaptabilidade / versatilidade do uso da metodologia
- Autonomia, independência e iniciativa dos polos
- Perfil da instituição parceira e seu ancoramento no sistema de educação
- Perfil da liderança / coordenação do polo



Nesta sua primeira década de vida, o Nepso vai revelando um potencial para além do projeto concebido, o de se transformar em uma ampla e diversa rede articulada em torno de um objetivo comum: disseminar o uso da pesquisa no ensino público. Com isso, acaba criando uma “mística”, um sentimento de pertencimento e entusiasmo em torno de um ideal.

Outro importante destaque é a inegável vocação do Nepso para a formação de professores, que contempla a formação inicial e continuada, os subsídios pedagógicos, os seminários e congresso, além do acervo de experiências passível de ser transformado em documentos para apoiar este processo formativo.

Reafirmando essa vocação, hoje a metodologia é adotada em cursos de extensão, especialização e graduação, principalmente nas áreas de pedagogia

e licenciatura. Além disso, a utilização do Nepso nos cursos de especialização para EJA tem se mostrado particularmente promissor.

Assim, pode-se afirmar que o professor tornou-se o principal foco do Nepso e, junto com os alunos, é quem mais tem se beneficiado com o projeto. Sustenta essa tese o fato de que a maioria das ações do Nepso é dirigida ao professor, ao crescente protagonismo do professor na rede – assumindo muitas vezes o papel de multiplicador e, por fim, a constatação de que não se consegue implementar o projeto na escola sem a livre adesão do professor.

Nepso é exemplo de um projeto de Responsabilidade Social Empresarial bem-sucedido, combinando de forma inovadora as *expertises* e o prestígio de duas instituições a serviço da melhoria do ensino público. 🎈

Heloisa Nogueira, Helena Oliveira e Klaus Schubert

H+K Consultoria



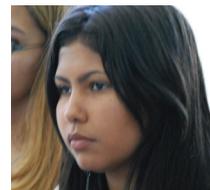
Alcance da parceria

UNESCO - Instituto Paulo Montenegro (IBOPE)

A UNESCO, no marco de seus compromissos em prol da educação de qualidade para todos, firmados em fóruns mundiais como os de Jomtien, Tailândia, em 1990, e Dakar, Senegal, em 2000, e tantos outros que se seguiram, sempre ressaltou a importância de parceria com organizações não governamentais com o objetivo de somar esforços e energias como estratégia para tornar a educação prioridade fundamental de todos os países. No Brasil, são inúmeras as parcerias existentes. Elas possuem o mérito de contribuir para o desenvolvimento e disseminação de inovações que são consideradas importantes para o avanço das políticas de educação. Em uma sociedade do conhecimento como a que estamos vivendo, a inovação, so-

bretudo no campo da educação, constitui necessidade permanente. Nesse sentido, a parceria estabelecida com o Instituto Paulo Montenegro do IBOPE, a fim de proporcionar aos estudantes da escola básica a oportunidade de estudar temas da atualidade ao aplicar técnicas de pesquisa de opinião utilizando a experiência do IBOPE nessa área, vem apresentando resultados auspiciosos, tornando o processo de escolarização mais atraente e mais consentâneo às questões e desafios enfrentados pela comunidade.

A primeira experiência do Programa Nepso ocorreu no ano 2000 em escolas públicas de São Paulo e do Rio de Janeiro. Os resultados iniciais alcançados por essa iniciativa pioneira sensibilizaram a UNESCO a apoiar o projeto.





Desde então a UNESCO tem procurado incentivá-lo e colocar sua experiência à disposição do projeto.

Quando a UNESCO tomou a decisão de participar, já antevia a potencialidade do programa. E foi o que aconteceu nos anos seguintes. O Nepso se expandiu para outras unidades da federação, e também para outros países da América Latina, da Europa, e mais recentemente para o território africano.

Em 2002, como coroamento do interesse crescente que o Nepso vinha despertando, foi instituído o Congresso IBOPE UNESCO para discutir as inovações e promover o intercâmbio de experiências entre os diversos polos. Esse evento que já está em sua 9ª edição, devido à presença do Nepso em outros países, converteu-se num congresso internacional com a participação de especialistas de diversos países.

O que motiva a UNESCO a dar conti-

nuidade a essa parceria é a dimensão pedagógica do Nepso. Sua metodologia ensaja trabalho conjunto entre os professores de várias disciplinas e os alunos. Eles discutem e elegem o tema a ser pesquisado na comunidade. Apropriam-se da metodologia de pesquisa fornecida pelo IBOPE, estudam o tema escolhido e coletam as opiniões, sistematizando-as num relatório para ser discutido na escola.

Essa metodologia, que faz lembrar o método de projetos de John Dewey que o grande educador brasileiro Anísio Teixeira tanto valorizava, permite aos alunos conhecer e estudar os problemas de uma determinada comunidade. Realidade e educação se entrelaçam e se articulam, possibilitando um processo educativo mais vivo e mais motivador para os jovens.

Além disso, os estudantes, ao participarem de uma pesquisa de opinião

presidida por técnicas consolidadas de pesquisa, tornam-se doravante mais rigorosos em seus estudos, pois desenvolvem atividades de pesquisa e de pensamento organizado.

Assim, o Nepso se configura como um projeto para a escola do século XXI, possibilitando a professores e alunos conhecerem o seu meio e os desafios existentes. Possibilita ainda uma visão interdisciplinar do conhecimento, cada vez mais indispensável à complexidade do nosso tempo.

Destaca-se também que o Congresso IBOPE UNESCO vem se constituindo em local privilegiado para a discussão das inovações e as aprendizagens alcançadas, como ainda para o aperfeiçoamento da metodologia de pesquisa.

Os conhecimentos gerados são disponibilizados no site do Instituto Paulo Montenegro.

Por último, no ensejo das comemorações do 10º ano de existência do programa, nunca será demais lembrar o papel importante que teve Fabio Montenegro na concepção do Nepso. Graças ao seu idealismo, liderança, ética e competência, o programa se firmou e continuou se expandindo com qualidade e responsabilidade.

A Representação da UNESCO orgulha-se desta parceria e espera que ela seja ainda mais produtiva nos anos que se seguem, contribuindo de forma definitiva para a consolidação da educação de qualidade para todos e da inovação científica no Brasil.

Lucien Muñoz

Representante da UNESCO no Brasil



Nossos parceiros



SÃO PAULO

AÇÃO EDUCATIVA

Programa Ação na Escola

Rua General Jardim, 660 Vila Buarque
CEP 01223-010 São Paulo/SP – Brasil

www.acaoeducativa.org

RIO DE JANEIRO

**CENTRO DE PROMOÇÃO
DA SAÚDE – CEDAPS**

Rua do Ouvidor 86 / 5º e 6º andares
Centro
CEP 20040-030

Rio de Janeiro/RJ – Brasil

www.cedaps.org.br

RIO GRANDE DO SUL

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS
DO SUL**

Faculdade de Educação

Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130
CEP 95070-560 Caxias do Sul/RS – Brasil

www.ucs.br

PARANÁ

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO
PARANÁ**

Faculdade de Educação

Rua XV de Novembro, 1299 Centro
CEP 80060-000 Curitiba/PR – Brasil

www.ufpr.br

PERNAMBUCO

**UNIVERSIDADE FEDERAL RU-
RAL DE PERNAMBUCO**

Unidade Acadêmica
de Garanhuns

Avenida Bom Pastor, s/n Boa Vista
CEP 55292-270 Garanhuns/PE – Brasil

www.ufrpe.br/uag

MINAS GERAIS

**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE MINAS GERAIS**

Faculdade de Educação

Av. Antônio Carlos, 6627 Pampulha
CEP 31270-901

Belo Horizonte/MG – Brasil

www.ufmg.br

BRASÍLIA

**ESTAÇÃO ECOLÓGICA
DE ÁGUAS EMENDADAS**

BR-020 km 29, Planaltina/DF – Brasil

www.aguasemendadas.com

BAHIA

**SECRETARIA MUNICIPAL
DE EDUCAÇÃO E CULTURA
DE SENHOR DO BONFIM**

Praça Juracy Magalhães, 126
CEP 48890-000 Senhor do Bonfim/BA
– Brasil

www.semecsb.com.br

ARGENTINA

**UNIVERSIDAD NACIONAL
DE QUILMES**

Roque Sáenz Peña 352 Bernal
B1876BXD Buenos Aires – Argentina

www.unq.edu.ar

CHILE

**UNIVERSIDAD DE LA
FRONTERA**

Departamento de Educação

Avenida Francisco Salazar 01145
Temuco – Chile

www.ufro.cl

MÉXICO

PROEDUCACIÓN I.A. P.

Hidalgo No. 61 local 7

Colonia San Jeronimo Lidice, C.P. 10200

Delegación Magdalena Contreras –
México D.F.

www.proeducacion.org.mx

MÉXICO

UNESCO MÉXICO

Av. Presidente Masarik 526 Piso 3

11560 – México D.F.

www.unesco.org

PORTUGAL

FVP

Rua Prof. Dias Amado, 20

1600-613 Lisboa – Portugal

www.fvp.pt

ANGOLA

FUNDAÇÃO OPEN SOCIETY

Rua Saturnino de Souza e Oliveira

Vila Alice

Luanda – Angola

www.soros.org/regions/africa





